



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**PÁTRIA AMADA, IDOLATRADA: O UFANISMO DESMEDIDO NO
BRASIL DE AFFONSO CELSO NA OBRA EM *PORQUE ME
UFANO DO MEU PAÍS***

SAMUEL CAMILO KIM

**CAMPINA GRANDE
DEZEMBRO, 2011.**

**PÁTRIA AMADA, IDOLATRADA: O UFANISMO DESMEDIDO NO
BRASIL DE AFFONSO CELSO NA OBRA EM *PORQUE ME UFANO
DO MEU PAÍS***

SAMUEL CAMILO KIM

**Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em História, do Centro de
Humanidades da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em História.**

Orientador: JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO

Campina Grande

2011



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

SAMUEL CAMILO KIM

**PÁTRIA AMADA, IDOLATRADA: O UFANISMO DESMEDIDO NO
BRASIL DE AFFONSO CELSO NA OBRA EM *PORQUE ME
UFANO DO MEU PAÍS***

Monografia Avaliada em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Dr. JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO

Orientador

Dra. ROSILENE DIAS MONTENEGRO

Examinadora

Dr. JOÃO MARCOS LEITÃO SANTOS

Examinador

EPÍGRAFE

OUVIRAM DO IPIRANGA AS MARGENS PLÁCIDAS
DE UM POVO HERÓICO O BRADO RETUMBANTE,
E O SOL DA LIBERDADE, EM RAIOS FÚLGIDOS,,
BRILHOU NO CÉU DA PÁTRIA NESSE INSTANTE.
SE O PENHOR DESSA IGUALDADE
CONSEGUIMOS CONQUISTAR COM BRAÇO FORTE,
EM TEU SEIO, Ó LIBERDADE,
DESAFIA O NOSSO PEITO A PRÓPRIA MORTE!

Ó PÁTRIA AMADA,
IDOLATRADA,
SALVE! SALVE!

BRASIL, UM SONHO INTENSO, UM RAIOS VÍVIDO
DE AMOR E DE ESPERANÇA À TERRA DESCE,
SE EM TEU FORMOSO CÉU, RISONHO E LÍMPIDO,
A IMAGEM DO CRUZEIRO RESPLANDECE.
GIGANTE PELA PRÓPRIA NATUREZA,
ÉS BELO, ÉS FORTE, IMPÁVIDO COLOSSO,
E O TEU FUTURO ESPELHA ESSA GRANDEZA.

TERRA ADORADA,
ENTRE OUTRAS MIL,
ÉS TU, BRASIL,
Ó PÁTRIA AMADA!
DOS FILHOS DESTE SOLO ÉS MÃE GENTIL,
PÁTRIA AMADA,
BRASIL!

DEITADO ETERNAMENTE EM BERÇO ESPLÊNDIDO,
AO SOM DO MAR E À LUZ DO CÉU PROFUNDO,
FULGURAS, Ó BRASIL, FLORÃO DA AMÉRICA,
ILUMINADO AO SOL DO NOVO MUNDO!
DO QUE A TERRA MAIS GARRIDA,
TEUS RISONHOS, LINDOS CAMPOS TÊM MAIS FLORES;
"NOSSOS BOSQUES TEM MAIS VIDA,"
"NOSSA VIDA" NO TEU SEIO "MAIS AMORES".

Ó PÁTRIA AMADA,
IDOLATRADA,
SALVE! SALVE!.

BRASIL, DE AMOR ETERNO SEJA SÍMBOLO
O LÁBARO QUE OSTENTAS ESTRELADO,
E DIGA O VERDE-LOURO DESSA FLÂMULA
-PAZ NO FUTURO E GLÓRIA NO PASSADO.
MAS, SE ERGUES DA JUSTIÇA A CLAVA FORTE,
VERÁS QUE UM FILHO TEU NÃO FOGE À LUTA,
NEM TEME, QUEM TE ADORA, A PRÓPRIA MORTE.

TERRA ADORADA,
ENTRE OUTRAS MIL,
ÉS TU, BRASIL,
Ó PÁTRIA AMADA!
DOS FILHOS DESTE SOLO ÉS MÃE GENTIL,
PÁTRIA AMADA,
BRASIL!

AGRADECIMENTOS

Poder parar agora e olhar para trás me traz felicidade, em que no princípio era apenas um sonho: o vestibular, as primeiras provas, o medo, a alegria. Fui guerreiro e não desisti, pois o grande Deus lutou comigo e esta vitória é Dele, muitas vezes pensei em recuar ou parar pelo cansaço de estudar e trabalhar arduamente, no entanto, Ele está presente em minha vida fazendo da derrota uma vitória, da fraqueza uma força e com a sua ajuda venci. Não cheguei ao fim e sim ao início de uma longa caminhada. Obrigado meu Deus por tudo que tem feito na minha vida! Obrigado a todos que de forma direta e indireta contribuíram na concretização do meu sonho!

Nos últimos três anos e meio recebi inúmeros subsídios, ajudas e socorros, tanto no que diz respeito ao trabalho de concepção, pesquisa e elaboração da monografia quanto na vida pessoal, sem os quais seria muito complicado chegar aonde cheguei.

Agradeço em primeiro lugar ao Prof.Dr. José Benjamim Montenegro pela orientação deste trabalho e pelas sugestões tão originais e inspiradoras com as quais me presenteou em diferentes momentos. E não posso esquecer-me de agradecer a banca examinadora composto pelos professores Dr. João Marcos Leitão e minha querida professora Dra. Rosilene Dias Montenegro.

Enfim, aos amigos, professores e funcionários da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, instituição em que estou concluindo o curso de Graduação em História, e que colaboraram de maneira fundamental e inesquecível para a minha formação.

Caminhei bastante por um caminho cheio de barreiras e dificuldades imensas e suportei. E nesse momento venho agradecer aos meus familiares que me apoiaram. Demorou, todavia consegui. Dedico esta vitória a minha mãe, que sempre acreditou em mim e por muitas vezes me ancorou, a meus pais que fizeram a minha base de formação e ao meu querido irmão por me auxiliar sempre que precisei.

RESUMO

O historiador é um pesquisador que busca nas expressões da sociedade os anseios de sua investigação, numa dupla relação de alegria e angústia de diluir tristezas. O historiador possui desejos de pensar o passado, torná-lo ao menos inteligível, vivendo sempre à procura, como um detetive na guisa de temas astuciosos de interesse da maioria dos leitores. Nossa pretensão é trabalhar com um autor e com uma obra a qual não estamos acostumados em escutar na academia, trazemos para o debate a figura de Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, e seu livro *Por que me ufano do meu país*. Nosso objetivo é fazer um estudo da obra e apontar elementos presentes na vida do autor que fortaleça o momento de sua produção, tomando o ufanismo como um termo criado pelo Affonso Celso, motivando toda uma geração de escritores, historiadores e intelectuais a partilharem com o seu conjunto de significado. Este livro abriu-nos também um espaço para fazer um debate de como as escolas brasileiras fizeram uso deste tema, como motivo para enaltecer e amar a pátria brasileira. Este pequeno livro abriu fronteiras de problematização e crítica sobre a maneira como muitos intelectuais pensaram o Brasil, produzindo diretrizes de como seus cidadãos deveriam ter conhecimentos de seus símbolos que lhe identificassem como nação rica e soberana, através de discursos vazios e ausentes de críticas.

PALAVRAS-CHAVE: AFFONSO CELSO, UFANISMO, EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
I CAPÍTULO: COM AMORES, SEM DORES E SEM HORRORES: O BRASIL DE AFFONSO CELSO FIGUEIREDO JÚNIOR.....	15
II CAPÍTULO: POR QUE ME UFANO? BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS USOS DA LITERATURA UFANISTA.....	29
III CAPÍTULO: UFANISMO, A ARTE DE FORMAR BRASILEIROS.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

INTRODUÇÃO

A nossa História nos revela muitos segredos, que estão escondidos na experiência do fazer humano. O homem com suas práticas cotidianas nos deixam muitos rastros e pistas, que demonstram a riqueza do que é o “fazer” História, o homem cada vez mais está intensamente produzindo conhecimento, literatura, arte, religião, mentalidades, ideias, políticas entre tantos outros. Toda a experiência do homem na Terra é motivo de escrita para o historiador. E essa escrita é ilimitada, encontramos temas nos porões, nas margens, no fundo dos rios, damos roupagens, repaginadas, lemos, re-lemos e a História continua como nos diz Georges Duby¹, sem esgotar seus temas e sem limites de interesses.

No início de suas atividades como ciência, seu interesse era por escrever a História dos grandes heróis e dos grandes eventos. A História mudou, pode até ser vista de cima, entretanto, nunca com o mesmo objetivo dos anos iniciais, virou moda vê-la de baixo, como, por exemplo, as questionadoras ideias do historiador inglês E. P. Thompson.² Hoje estamos permeados de dúvidas quanto à utilização de seus métodos, uso de conceitos e mediante a tão sonhada interdisciplinaridade e se ainda somos ciência ou se diluímos em literatura.

Na História temos a disposição um *menu* com vários subitens, que podemos acessar. Todavia propor mais uma pesquisa para a História é, pois, inserir-se em meio a este cardápio de possibilidades, que outros pesquisadores de interesse poderão acessar e fazer uma leitura crítica de nossa pesquisa. Tendo a plena convicção dessa premissa é que escolhemos o nosso tema, compreendendo que a História é plural, diversa, por isso, sem interesse em moda, ou de criar polêmicas diante da historiografia. Optamos por trazer a nossa História um autor e um livro, que poucos historiadores estão acostumados em escutar.

¹ DUBY, Georges. *A História Continua*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993.

² THOMPSON, E.P.J. *A formação da Classe Operária Inglesa*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1991.

A historiografia nos últimos tempos tem se dedicado aos micro-temas culturais, as sensibilidades, ao gênero entre outras temáticas, e, no entanto, percebemos, que temos se esquecido de alguns personagens, que fizeram parte da nossa História, que contribuíram para que o nosso país ganhasse um novo corpo. Dentre estes personagens, trago para discussão uma figura presente em nossa História, é o astuto e sagaz Affonso Celso de Figueiredo Júnior, filho do visconde de Ouro Preto, também contendo o mesmo nome do pai sendo personagem incomum aos nossos ouvidos, seu pai foi de tamanha serventia à Coroa Brasileira, como um homem de extrema confiança do imperador. Enquanto o filho foi um grande defensor da República. O Affonso Celso é lembrado em alguns momentos da História, principalmente quando fala dos significados do ufanismo e nacionalismo. Affonso Celso Figueiredo Júnior é o inaugurador no Brasil do termo ufanismo e também é um dos fundadores da Academia Brasileira Letras ocupando a cadeira de nº36, cujo patrono é Teófilo Dias*.

Affonso Celso de Figueiredo ocupou vários cargos públicos no Brasil sendo eleito por quatro mandatos consecutivos deputado geral por Minas Gerais. E Com a proclamação da República, em 1889, deixou a política para acompanhar o pai no exílio, que se seguiu à partida da família imperial para Portugal. Afastado da política, dedicou-se ao jornalismo e ao magistério. Divulgou durante mais de trinta anos seus artigos no Jornal do Brasil e Correio da Manhã. No magistério, exerceu a Cátedra de Economia Política na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Em 1892, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB. Após a morte do Barão do Rio Branco, em 1912, foi eleito presidente perpétuo dessa instituição, cargo que ocupou até 1938.

Nosso autor foi contemporâneo de Olavo Bilac, Machado de Assis, do historiador Capistrano de Abreu, Ruy Barbosa entre outros, todavia na literatura não ganhou dimensão e popularidade como estes autores, contudo deu sua contribuição para a História como membro do IHGB, bem como para a literatura, tornando-se um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Nesta perspectiva optamos por trabalhar este autor meramente desconhecido para a Academia, porém que teve sua importância para a composição histórica e literária do nosso país. Desta forma escolhemos para compor o nosso trabalho monográfico um dos livros escritos pelo autor denominado *Porque me ufano do meu país*³. Um pequeno livro de bolso de cunho ufanista e do qual Affonso Celso declara seu amor ao Brasil. Mesclando à História do Brasil com temas corriqueiros como: a presença do índio no Brasil, do negro trabalhador e da eloquência da colonização portuguesa no nosso país. Além de esbanjar descrições positivas da nossa fauna e flora, motivos pelos quais o povo brasileiro deve se orgulhar em estar nesse país e “ser brasileiro”. Por conseguinte, são referências também do autor, no livro as batalhas no qual os brasileiros lutaram com bravura para defender os interesses nacionais com segurança e valentia como: a Guerra do Paraguai, a Guerra contra os Holandeses e os conflitos internos, que possibilitaram a independência brasileira. Affonso Celso enfatiza com ênfase as temáticas referentes à colonização, a independência e a República, bem como elenca elementos que ajudam os brasileiros a pensarem sobre os motivos pelos quais devemos ter orgulho e amar a nossa nação.

Pretendemos discutir nessa monografia a biografia desse distinto funcionário público republicano, em vida atuou na defesa da República nascente, apesar de seu pai o visconde de Ouro Preto ser um defensor perpétuo da Monarquia, todavia isto não se tornou um impedimento para que o Affonso Celso seguisse suas ideias e ideais. Objetivamos também discutir o tipo de escrita pelo qual o Affonso Celso, tentou nos seduzir que é a “literatura ufanista” fazendo, por conseguinte uma espécie de historiografia do contexto. E em último momento tivemos a curiosidade em estudar como este tipo de literatura foi desenvolvido na escola nos primeiros anos de ensino brasileiro. O intuito de fazer essa pesquisa é também mostrar que devemos fazer uma leitura crítica de nossa História e de nossos personagens, principalmente para compreender a partir destes como eles entenderam seu mundo e como fizeram a leitura de um Brasil particular, pertencente as suas convicções.

³ CELSO, Affonso. *Porque me ufano do meu país*. São Paulo: Editora Expressão e Cultura, 1997.

A obra *Porque me ufano do meu país*, recebe em nossa pesquisa dois movimentos: o primeiro é a evocação de um livro, que levanta a auto-estima do povo brasileiro e o faz observar e valorizar todas as suas belezas naturais chamando atenção para os motivos pelo qual, todos devem se sentir superiores quando falarem no nome do país seja pela sua grandeza territorial ou por seu passado colonial administrada passando pelos “desbravadores lusitanos”; o segundo movimento é perceber que o Affonso Celso nesta obra fechou os olhos para todos os problemas existentes no Brasil imperial da mesma forma que não lhe destinou nenhuma crítica a forma de organização brasileira, a dominação portuguesa, conciliado a exploração, genocídios dos indígenas e da temível escravidão negra. Nosso autor utiliza o verbete “ufanismo” para representar todo o sentimento nacional de exaltação da sua pátria.

A escolha desta pesquisa partiu de uma conversa como o orientador, quando falávamos dos rumos temáticos que a historiografia está tomando, nos tempos atuais, e comentávamos como alguns personagens da História do nosso país necessitam ser contemplado, daí surgiu à citação do Affonso Celso, como uma figura emblemática presente e atuante no final de nossa monarquia e início de República. Ele divulgou ideias para nossa nação, que de modo indireto, esses efeitos são refletidos às futuras gerações, que serviram de interesses particulares para alguns.

Trabalhar um autor pouco visitado, mas que não tenho a pretensão de inovar, trago reflexões que ainda não foram discutidas no ambiente acadêmico em que vivo. Suas obras de forma geral apresentam textos densos, todavia por ter pretensões didáticas este livro em particular é de fácil compreensão. Sentimos dificuldades em relação à obtenção de materiais sobre o autor, que poderia obter novas visões, possibilidades de se continuar pesquisando tanto por mim como por outros historiadores com outras referências teóricas, com outras sugestões, que talvez não tenha percebido para elaborar novas temáticas e enfim com outras abordagens. Portanto, nosso trabalho servirá como subsídio historiográfico para se obter conhecimentos sobre Affonso Celso Figueiredo, diante da escassez de material sobre este autor. Simultaneamente, apresentar ao público leitor e aos nossos pares uma discussão teórico-

metodológica sobre a obra acima citada levantando conhecimentos sobre a literatura ufanista como a mesma foi aplicada por muito tempo nas escolas.

Para confecção desse trabalho utilizamos ~~de vários materiais~~ como: livros, revistas, internet e jornais. E que está sendo pensada com dedicação que todo tema merece ser mencionando o tema “ufanismo”, que apresenta várias especificações, que o autor enfatiza a valorização de nossas riquezas e de termos “orgulho de ser brasileiro” elevando a nossa auto-estima. Não encontrando trabalhos acadêmicos direcionados ao autor, ou a algum de seus livros. Porém, percebemos que ele é brevemente citado por alguns autores, quando comentam sobre temas que falam sobre o nacionalismo

Não conseguimos literaturas, que tivessem como aporte teórico o escritor Affonso Celso, nas poucas referências encontramos a autora Maria Helena Câmara Bastos,⁴ que fala um pouco sobre a educação no país na década de 1930, no que diz respeito aos conteúdos ideológicos administrados pelos professores nesse período. Essa leitura nos ajudou no sentido de dar aporte para a composição do terceiro capítulo da monografia, que contemplará: com o objetivo o livro de Affonso Celso foi utilizado nas salas de aula, neste mesmo percurso falaremos um pouco da educação brasileira nesse período. Encontramos também um importante trabalho de Patrícia Santos Hansen⁵ que aborda a literatura cívica pedagógica na construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República. Esta tese de doutorado analisa o surgimento de um ideal de infância brasileira, surgidas a partir do conceito de ufanismo e do pensamento sobre pátria e nação trabalhando aspectos como a família, a solidariedade, a saúde, o corpo e o trabalho. Como formas educativas moldais para se chegar ao que seria um ideal de educação brasileira.

Para nos auxiliar nesta composição encontramos o livro peculiar, que também faz uma alusão a educação no ensino infantil, apesar de possuir uma leitura marxista, ele nos ajudou como referência para pensar como as

⁴ BASTOS, Maria Helena Câmara. *Amada pátria idolatrada: um estudo da obra “Porque me ufano do meu país”*, de Affonso Celso (1990). Curitiba: Educar em Revista nº 20, 2000, p. 245-260.

⁵ HANSEN, Patrícia Santos. *Brasil, um país novo: Literatura cívico pedagógico e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. Tese de doutorado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2007.

ideologias eram refletidas nos conteúdos escolares e, ao mesmo tempo, questionar a transmissão dos conteúdos por parte dos docentes. O livro *As Belas Mentiras*⁶, da autora Maria de Lourdes Chagas Deiró Nosella enfatiza sobre a ideologia subjacente aos textos didáticos, que permeou durante muito tempo a educação brasileira, cujos textos não correspondiam à realidade vigente. Em que o governo não tinha compromisso com a educação da maioria da população. Que tinha como objetivo central a formação de um exército de mão de obra para serem utilizado como massa de manobra para interesses escusos dos empresários nacionais e internacionais. Pormenorizando até aos mínimos detalhes nos conteúdos ideológicos reproduzindo o pensamento da elite dominante.

No primeiro capítulo do nosso trabalho, apresentaremos a figura de Affonso Celso Figueiredo, membro do IHGB e da Academia Brasileira de Letras, e escritor de *Porque me Ufano de meu país* e que tipo de obra este autor lança para os leitores, e quais as propostas trabalhadas nos pequenos capítulos e quais são seus interesses.

Com relação ao segundo capítulo priorizaremos a problematização do verbete “ufanismo” diante de uma bibliografia acessível produzida por intelectuais, que pensaram o Brasil nas mais diversas facetas construindo a identidade Nacional. Utilizamos o comentador Dante Moreira Leite⁷ para dar embasamento ao capítulo que considera Affonso Celso como um inaugurador de um sentimento posterior chamado de nacionalismo, seus debates se estenderam à formação da identidade nacional e a crítica de muitos pensadores, chegando a inspirar intelectuais, artistas, escritores e literatos a entrarem no debate e construir também a sua idéia de nação a partir do que foi iniciado com o nacionalismo. Essa tendência chegou a influenciar na formação do Hino nacional brasileiro, que cantamos nos estádios, em festas comemorativas exaltando a natureza, nossas grandezas e riquezas materiais.

⁶ NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. *As Belas Mentiras: A ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Ed. Cortez & Morales, 1979.

⁷ LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 7ª edição. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

O terceiro e último capítulo preocupa-se em problematizar como esse tipo de literatura era administrado nas escolas brasileiras. As nossas crianças era um dos alvos para a educação cívica e moral, na formação de bons brasileiros, amantes de sua nação e conscientes de sua imensa grandeza. O Affonso Celso apresenta-nos os motivos pelos quais devemos nos sentir orgulhosos de nosso País. Affonso oferece a seus filhos, e a toda nação brasileira,⁸ os filhos amados de sua nação, e deixa como lição o amor avulto a pátria. [Como cidadãos nos dediquemos destinando o melhor de nossa inteligência.] Através deste trabalho, ansiamos apresentar mais uma reflexão a cerca desta temática, tendo como figura chave para nossa compreensão este autor que nas linhas deste trabalho tornou-se emblemático.

⁸ CELSO, Affonso. *Op. Cit.*, 1990, p. 25.

I CAPÍTULO

*Com amores, sem dores e sem horrores: o Brasil de Affonso
Celso Figueiredo Júnior*

Somos brasileiros! Levantai a cabeça, transbordantes de nobre ufania. Convertei-vos de que deveis agradecer quotidianamente a Deus o haver Ele vos outorgado por berço o Brasil.⁹

Encontrar figuras, que pouco são referenciadas no trabalho histórico, em tempos, que “tudo”, pode ser discutido e trabalhado é quase uma raridade. Diante de tantos nomes, que são massivamente pesquisados, e posto a análise por diversos historiadores. Optamos por retirar das sombras do nosso passado histórico uma figura díspar, ausência de preconceitos, honradez no desempenho de funções públicas ou particulares, de atitudes sólidas e firmes diante de seus pensamentos e ideias. Affonso Celso Figueiredo Júnior, filho do único Visconde de Ouro Preto, todavia, que viveu maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, propôs argumentos positivos e progressistas para o Brasil, sonhava com um país próspero, dinâmico, audaz, sobretudo de possibilidades para o seu povo, o maior patrimônio do Estado brasileiro.

Sua vida nos ajuda a compreender sua trajetória e obra, enquanto portadora de uma História em que se entrecruzam os fios da vida e os fios da obra, ou seja, sua obra se confunde com sua vida, ele não inventou quase nada apenas colocou no papel o que ouvia, observava e sentia. Sua atuação deve ser enfocada na confluência de uma História, ao mesmo tempo, intelectual, social e política de grande destaque no cenário nacional.

Filho do Visconde de Ouro Preto e de Dona Francisca de Paula Martins de Toledo, casando-se, a seguir, com Ana Margarida da Graça Martins de tradicional família bandeirante, e irmã uterina da futura esposa de Martim

⁹ Affonso Celso de Assis Figueiredo Junior.

Francisco, do ilustre clã dos Andrada, e seu colega no Gabinete de Zacarias, de 3 de agosto de 1866.¹⁰

O filho escolheu seguir os mesmos passos do seu pai que apresentava uma vasta carreira política, sinal de competência política e influência com o Imperador D. Pedro II, ele era quase sempre requisitado para voltar aos cargos públicos. O visconde de Ouro Preto começou muito jovem a caminhada política, atingindo O *Ministério*, aos trinta anos. *Deputado geral em duas legislaturas, Senador vitalício, integrando três Gabinetes, em 1866, em 1879 e em 1889.*¹¹ Adquirindo, assim, ampla experiência no Legislativo e no Executivo, se poderia dizer do visconde de Ouro Preto que, ao completar cinquenta anos, nos meados da década de 1880, na recente História da Monarquia, figurando como estadista consagrado, rivalizar com as grandes figuras ilustres da História do Brasil. Daí não causar espanto que, verificando-se nova queda dos conservadores no poder desde 1820 de agosto de 1885, com o Gabinete de Cotegeipe, houvesse sido chamado para o comando, formando a última administração da Monarquia, de sete de junho de 1889.

Já o filho foi Bacharel em Direito na Faculdade de São Paulo, exerce várias funções como: orador, escritor, poeta, jornalista e fundador do *Jornal do Brasil* e do *Correio da Manhã* durante mais de trinta anos publicou seus artigos, historiador e professor.

Encontramos poucos trabalhos, que referenciam a sua vida e/ ou obra, as poucas disponibilizadas pela rede mundial de computadores, das que podemos elencar como referência, o trabalho, que tem como título: *Amada pátria idolatrada: um estudo da obra "Porque me ufano do meu país", de Affonso Celso (1990)*¹² de Maria Helena Câmara Bastos, doutora em História e Filosofia da Educação e professora da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS), que faz um estudo sobre o impacto da discussão da obra *Porque me ufano do meu país*, na educação no Brasil no século XX, este estudo nos

¹⁰ FIGUEIREDO, Affonso Celso de Assis. *Seleção, introdução e comentários de Costa Porto*. Brasília, D.F: Câmara dos Deputados, 1978.

¹¹ *Idem, ibidem*. P. xxxiv

¹² BASTOS, Maria Helena Câmara. *Amada pátria idolatrada: um estudo da obra "Porque me ufano do meu país", de Affonso Celso (1990)*. Curitiba: Educar em Revista, nº 20, 2002, p.245-260. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/19622> acessado em: 25/06/2011 às 18h.

ajudou a entender como esse tipo de literatura era trabalhado nas escolas, e qual o objetivo de ser trabalhado como material didático em escolas secundárias.

Então acreditamos que o nosso trabalho, tem essa preocupação em referenciar um autor e uma obra, que pouco é trabalhado pelos historiadores em tempos atuais. Por isto, nosso trabalho contribuirá para a historiografia brasileira, no sentido de lançar na escrita da História mais um trabalho incomum, com pretensões de trazer à tona, alguns elementos da História política e cultural do nosso país.

A nossa preocupação então, é em não cometer uma História aos moldes oficiais, no intuito de querer dar voz aos “grandes” personagens da História, e de fazer uma História positivista, por isto, são necessários os comuns cuidados em pôr o nosso trabalho dentro dos moldes atuais da História Cultural. E para isso Affonso Celso, representado por sua obra, irá nos ajudar a compreender entre outras coisas, a maneira como a literatura ufanista empregada nos currículos escolares, que será abordado e servirá como aporte para o nosso terceiro capítulo. Neste caso, é necessário situar o autor e sua obra, para que possamos compreender um pouco do universo, - o tempo e o lugar- ao qual esta figura estava inserida.

Uma de suas maiores contribuições para nós brasileiros seria o aumento de nossa auto-estima histórica em meio a uma realidade detratada pela colonização portuguesa, de uma administração de pouca criatividade política. Em vida Affonso Celso como escritor e enquanto historiador localiza um Brasil de infinitas qualidades, do tamanho de seu território, - gigante- diverso em fauna, flora, cultura, poesia, acima de tudo rico em recursos naturais. O complicado é encontrar nesta figura uma crítica voltada ao nosso país na obra, que optamos trabalhar, que é a polêmica *Porque me Ufano do meu País*,¹³ em grosso modo a sua literatura transforma o Brasil num paraíso, Affonso Celso, fecha os olhos para muitos problemas ocorridos nos dez primeiros anos da República no país durante o século XX no Brasil.

Filiou-se ao Partido Liberal, foi advogado da abolição da escravatura e defensor do regime republicano, ao contrário de seu pai, monarquista. Mais

¹³ CELSO, Affonso. *Porque me ufano do meu país*. São Paulo: Ed. Expressão e Cultura, 1997.

tarde, permaneceu solidário com o pai, quando este assumiu a Presidência do Conselho de Ministros, em agosto de 1889. Foi nomeado deputado com apenas 22 anos, ocupando o cargo por quatro vezes consecutivas até 1903, quando recusara a voltar à Câmara numa resistência passiva à República, que exaltaria no culto do passado imperial, exercido com amor.

Vale atentar que seu pai ficou famoso na História através do episódio da Revolta do Vintém, pelo qual seu nome ficou atrelado a esse movimento popular contra o aumento das tarifas das passagens dos bondes encarecendo o custo de vida dos populares da cidade do Rio de Janeiro, por causa disso ficou cunhado com o nome de "Affonso Vintém". Além disso, por ser uma figura pública controversa ganhou fama entre os paulistas, chegando que uma das principais ruas que cortam a região do distrito da Vila Mariana na capital paulista chama-se Rua Affonso Celso em sua homenagem.¹⁴

O nosso Affonso Celso ao contrário não tinha decisões polêmicas quando ocupava os cargos públicos, sua preocupação, partindo para a sua produção era sobre as tomadas de decisões e, sobretudo sobre os destinos do país. O estilo do autor é erudito, percebe-se que foi um homem de vários interesses intelectuais, no texto cita autores de diversas temporalidades para poder justificar a grandeza brasileira como Pero Vaz de Caminha, Rocha Pitta, Claude d' Abville, Simão Estácio da Silveira e Alexander Humboldt dentre outros. Affonso mesmo com sua erudição apresenta para o leitor um texto leve, compreensível para o leitor, conseguindo expor com clareza os objetivos pelos quais escreveu o livro pelo autor.

Escreveu inúmeros livros, infelizmente muitas das contribuições literárias de Affonso Celso não está disponível para a venda nas editoras, sendo que, podemos encontrar grande parte de suas obras em bibliotecas, sebos e raramente em bibliotecas virtuais. A última edição do livro que estamos estudando é datada do ano de 1997, em vista nas comemorações do quarto

¹⁴ Cf.: PONCIANO, Levino. *São Paulo: 450 bairros, 450 anos. 2ª Edição*. São Paulo: Ed. SENAC, 2004, p.274. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=9VMfukFaVpsC&printsec=frontcover&dq=s%C3%A3o+pa+ulo:+450+bairros,+450+anos&hl=pt-BR&ei=B8EQTrOIEunu0gH50pm5Dg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDkQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false Acessado em: 03/07/2011 às 16h.

centenário da descoberta, e o mesmo livro está disponível em e-book na internet¹⁵. Suas obras foram listadas pela autora Maria Helena Bastos:

Um capricho do Doutor Ox, tradução de Julio Verne, em 1874; Prelúdios, poesias (1875); Devaneios, poesias (1877); Telas sonantes, poesias (1879); Poemetos (1880); O Imperador no Exílio (Magalhães, 1893); Minha Filha (1893); Lampejos sacros (poemas); Mês do rosário (poemas); Notas e ficções (Garnier, 1894); Lupe, romance com um capítulo intitulado “Salve, Brasil” (1894); Rimas de outrora (1894); Vultos e fatos (1892, quarta edição: 1896); Aos monarquistas (1895); Guerrilhas (1895); O Assassinato do Coronel Gentil de Castro. Subsídios para a história do regime republicano no Brasil (1897; 1929); Giovannina, drama (1896); Imitação de Cristo, em versos (1898; 1914); Um invejado (1894-95); Biografia de José Vieira Couto Magalhães (1898); Trovas de Hespanha (1904); Oito anos de Parlamento, suas memórias como deputado (Melhoramentos, 1901); As aventuras de Manuel (1903); Poesias escolhidas (1904); O Visconde de Ouro Preto – excertos biográficos (Globo, 1935); Poder pessoal de D. Pedro II. Colaborou em inúmeros periódicos: Tribuna Liberal (SP); Gazeta de Sorocaba (SP); Tribuna Liberal (RJ); Brasil (RJ); Revista Brasileira, periódico de intensa reafirmação nacional; e outros. Durante anos, colaborou com o Jornal do Brasil, onde criou a seção “Cotas ao Caos”.¹⁶

Affonso Celso expõe intensa admiração pelo pai, quando dedica o livro aos filhos, tem em seu genitor a figura, o exemplo maior de admiração a pátria. Affonso Celso de Figueiredo, o visconde de Ouro Preto, foi amigo do Imperador D. Pedro II e no episódio da Proclamação da República o visconde foi exilado do país junto com a família. Segundo João Scantimburgo, o literato Affonso Celso fora republicano na Monarquia, participando da campanha abolicionista, e esteve presente em reuniões secretas para rechaçar o Império.¹⁷ Enquanto o pai era um monarquista convicto, o filho expunha outros ideais acerca do regime político, no entanto o prefaciador do livro comenta que após a derrubada da Monarquia com o Imperador “varrido das instituições políticas brasileiras”,¹⁸ o Affonso Celso encara tal atitude como honrada e converte-se a Monarquia, quando já era tarde demais.

¹⁵ O livro está disponível na íntegra no seguinte site:

<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ufano.html>

¹⁶ BASTOS, *op. Cit.* 2002, p. 7

¹⁷ CELSO, Affonso. *Op. Cit.* 1997, p. 14.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 14.

Segundo José Murilo de Carvalho, em seu livro *Forças Armadas e Políticas no Brasil*, nessa época o Brasil vivia a luta contra o ditador Solano Lopez na Guerra do Paraguai¹⁹, no qual o país havia se endividado junto à Inglaterra, todavia o nosso Império não possuía um exército regular, materialmente despreparado com relação às forças paraguaias precisando armar urgentemente contra esse grande inimigo contraindo pesadas dívidas explorando a população com altos impostos, enfraquecendo a economia do país devido aos pesados gastos com a vitória na Guerra do Paraguai, porém o exército sai fortalecido e ávido por poder, que posteriormente culminaria no golpe contra a Monarquia.

Igualmente, existiram pessoas como seu pai, Visconde de Ouro Preto, convicto de seus ideais e concepções, um monarquista arraigado, político de traços fortes, idealista e sonhador de que o regime parlamentarista era o que mais convinha à nossa Pátria, encontramos esta marca convicta do seu pai na seguinte citação:

Eu sou monarquista, porque penso ser essa a forma de Governo que mais convém à nossa Pátria, e que sob ela, mais facilmente do que sob qualquer outra poder ser livre, grande e feliz.²⁰

Seu pai tinha receio da República porque julgava que o país não estava preparado para ela, de modo, que a República não funcionaria bem, desencadeando a seu ver numa anarquia e por conseqüência numa ditadura. Encontramos numa revista comemorativa da VEJA dos cem anos da proclamação da República um artigo escrito pelo próprio Visconde de Ouro Preto intitulado: "Contra a ditadura militar" seu pai descreve toda a sua simpatia com relação à Monarquia, e as medidas administrativas proferidas pelo Imperador D. Pedro II. O visconde questiona o leitor a pensar sobre tais feitos realizados pelo imperador explicitando, que durante todas as ações temporal-

¹⁹ A Guerra do Paraguai foi o fator mais importante na construção da identidade brasileira no século XIX. Superou até mesmo as proclamações da independência e da República. A independência provocou forte mobilização em apenas alguns pontos do país, Rio de Janeiro, Bahia, Pará. As grandes lutas internas, desde a Confederação do Equador até as da Regência, foram localizadas e muitas vezes separatistas. A ideia e o sentimento de Brasil, até a metade do século, eram limitados a pequena parcela da população. A proclamação da República, por sua vez, foi o que se sabe. Cf. CARVALHO, José Murilo. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

²⁰ FIGUEIREDO, Affonso. *Op.Cit*, 1978, P.25.

administrativas do monarca só veio a favorecer e a fortalecer o Brasil enquanto nação.

Outro autor, que se debruçou sobre seu pai foi João Camilo de Oliveira Torres ao analisar o livro *Reforma administrativa e municipal* (1883) do visconde de Ouro Preto, fazendo uma reflexão sobre as províncias no império, que possuíam elementos distintivos de um modelo republicano, pois para o autor o modelo imperial poderia ter sido remodelado e alcançado um máximo em organização. Porque o projeto republicano federalista baseado no modelo norte americano, que dividia o Brasil em unidades federativas conduzia ao esfacelamento do território nacional promovendo uma perda da unidade nacional em favor de pequenas repúblicas instáveis caso fossem adotadas o Projeto Miranda Ribeiro e o Ato Adicional.²¹

Em trechos do artigo podemos perceber o quanto o Visconde de Ouro Preto defendia ferrenhamente o modelo atual de Reinado. Para o mesmo o império não foi uma ruína e sim a conservação e o progresso mantendo o Brasil íntegro, tranqüilo e unido territorialmente:

O Império converteu um país atrasado e pouco populoso em grande e forte nacionalidade, primeira potência sul americana, considerada e respeitada em todo mundo civilizado. O império aboliu de fato a pena de morte, extinguiu a escravidão, deu ao Brasil glórias imorredouras, paz interna, ordem, segurança e, mais que tudo liberdade individual como não houve jamais em país algum.²²

O Visconde de Ouro Preto não vê na Monarquia nenhum tipo de falha ou de crime, que pudesse levar ao seu fim, principalmente os quais cinquenta anos de reinado de D. Pedro II, pelas suas falas em defesa do imperador diz que o mesmo nunca perseguiu ninguém e nunca foi rancoroso ou vingativo. Não tinha a prática da injúria, para seu pai, o imperador tinha um senso amável e cordial, que estava sempre disposto a perdoar e esquecer as injustiças cometidas a ele. No entanto o destino do imperador foi injusto na ótica do seu

²¹ Cf COSER, Ivo. *VISCONDE DO URUGUAI: CENTRALIZAÇÃO E FEDERALISMO NO BRASIL, 1823-1866*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2008.p.15. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=GpA1n2BIHqC&printsec=frontcover&dq=visconde+do+uruguai:+centraliza%C3%A7%C3%A3o+e+federalismo+no+brasil&hl=pt-BR&ei=aEMaTo3hH-i70AGYoeYWBQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCKQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false Acessado em: 10/07/2011 às 21h41.

²² CELSO, Affonso. REVISTA VEJA. Comemorativa dos cem anos da proclamação da República. De 20 de novembro de 1999, p. 114.

pai exilando de seu país. Quando ao contrário deveria ser respeitado pelos seus cidadãos.

Por outro lado, seu pai desprezou o modelo republicano a ser aplicada no país, uma República sem organização infundada, sem raízes, de origem “soldadesca”, que iniciou a partir de um motim, que para o próprio Visconde seria um atentado aos precedentes da História. A República, que estava se configurando movimentava um terror nas multidões, seus organizadores não se resumiam a uma cúpula interesseira. Para seu pai: *Ou prevalecerá a caudilhagem militar, sacrificadas as liberdades cívicas, como em quase todos os estados sul americanos. Ou o exército será vítima dos demagogos de que se fez instrumentos.*²³

Foi obrigado a renunciar o cargo do gabinete ministerial da Monarquia devido às conjecturas da época e logo em seguida despacha uma carta ao imperador D. Pedro II sobre a renúncia coletiva. Percebemos que nos últimos anos período monárquico em que o Visconde de Ouro Preto exercia muita influência tanto governamental como de prestígio com relação ao imperador. Poucos sabem, mas devido ao golpe militar fora obrigado a tomar decisão de renunciar e com isso a Monarquia havia sido dissolvida. Não obteve sucesso durante sua estada no poder não conseguindo apaziguar/ programar as reivindicações solicitadas pelos setores oposicionistas, que por conseqüência desencadearam no golpe contra a Monarquia.

Após a proclamação da República o Visconde de Ouro Preto foi considerado como “perigoso” e por isso fora decretada a prisão e o exílio seu, e de sua família com o pretexto de que o seu pai financiava as rebeliões contra a nascente República. João de Scantimburgo comenta sobre esse feito:

(...) o austero visconde de Ouro Preto, de cujas mãos caiu por terra, um agitada manhã de novembro a Coroa Imperial remota herança dos brados de Ourique, isto é do velho Portugal heróico que se transladou para a América tropical e sob estas latitudes de sol, fundou uma grande nação.²⁴

Entre muitas literaturas elogiosas ao Brasil, *Por que me ufano do meu país*, é um livro comemorativo em ocasião do IV Centenário da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil. O livro foi revisado, e re-editado por possuir um

²³ CELSO. *Op. Cit.* 1990, p.114

²⁴ *Idem, Ibidem*, p.14.

conteúdo ufanista das várias imagens do Brasil, relatando a História nacional tornado como plano de fundo para a identidade nacional: a geografia, a natureza e a dimensão territorial.

É um pequeno livro de bolso apresentando 42 capítulos e 235 páginas. Os conteúdos reforçam um Brasil de uma História de esplendor, iniciando pelo período de colonização dando destaque a maneira como o nosso país fora bem administrado pelas mãos dos lusitanos. Esse é um dos primeiros motivos pelos quais o Brasil se destaca diante dos demais países, perpassando por uma colonização, que não aconteceu de forma tão devastadora comparado aos demais países da América latina, que diferente do Brasil, conquistou sua independência por meio de lutas e guerras.

O livro é introduzido por João de Scantimburgo, que ocupa atualmente o seu lugar na cadeira nº 36 da Academia Brasileira de Letras, inicia retomando as lembranças, que remeteram a primeira leitura do livro, indicado por sua professora em pleno ano escolar. Sua primeira impressão foi positiva, Affonso Celso chama a atenção em suas páginas ao amor pelo Brasil, numa intensa convocação de seu povo para servi-lo e honrá-lo como fiéis patriotas.

Affonso Celso escreve dedicando o livro a seus filhos: Affonso Celso de Ouro Preto, Carlos Celso de Ouro Preto, um e outro receberam o título do avô ilustre "Ouro Preto" enobrecido, incorporado ao nome substituindo "Assis Figueiredo". A intenção do autor era apresentar aos filhos uma nação a qual o seu avô fora um dos nomes mais respeitáveis da galeria do Brasil Imperial e que tinha um objetivo fundante

(...) queria como pai, mas, sobretudo como patriota, que seus filhos e netos amassem o Brasil como ele e seus antepassados amaram, dando-se-lhe, mesmo, em sacrifício, para o testemunhar²⁵.

João de Scantimburgo fala de Affonso Celso com singeleza, paixão e com suavidade e não denuncia as ausências de sua obra, ao contrário entoa palavras positivas, edificantes, que colocaram Affonso Celso como um dos grandes homens festejados em seu tempo. Ele apresenta um Affonso determinado em suas atitudes como funcionário público, como escritor da

²⁵ CELSO. *op.cit.* 1997 p. 13-14.

Academia Brasileira de Letras, como jornalista, advogado e membro do Instituto Geográfico Brasileiro – IHGB. “*Tão honesto para consigo e para os seus cidadãos, com a família e seus compromissos intelectuais*”²⁶, conhecia nosso passado, a formação da nacionalidade no tempo e no espaço, todos os capitães - generais, governadores gerais, vice-reis, rainha, rei, imperadores e até seus presidentes.

João de Scantimburgo fala de Affonso Celso com singeleza, paixão e com suavidade e não denuncia as ausências de sua obra, ao contrário entoa palavras positivas, edificantes, que colocaram Affonso Celso como um dos grandes homens festejados em seu tempo. Ele apresenta um Affonso determinado em suas atitudes como funcionário público, como escritor da Academia Brasileira de Letras, como jornalista, advogado e membro do Instituto Geográfico Brasileiro – IHGB. “*Tão honesto para consigo e para os seus cidadãos, com a família e seus compromissos intelectuais*”²⁷, conhecia nosso passado, a formação da nacionalidade no tempo e no espaço, todos os capitães - generais, governadores gerais, vice-reis, rainha, rei, imperadores e até seus presidentes.

Segundo João de Scantimburgo, Affonso Celso queria seu livro lido pelos adolescentes e adotado em escolas sendo debatidos em reuniões de pais e professores com a finalidade de que: os valores da nacionalidade fossem cultuados como um objeto de veneração nacional.

Affonso Celso declara uma intensa confiança no futuro, que ele colocou na sua obra *Por que me ufano do meu país*, para João de Scantimburgo um verdadeiro documento e testemunho de uma época, anunciando para seu povo, que não deveria perder a confiança em sua pátria, a obra *Porque me ufano do meu país*, possui este caráter apaziguador das diferenças regionais da desordem presente na premissa das cidades, no desconforto promovido pela passagem do Império à República. De maneira entusiasta Affonso Celso aposta no ufanismo dizendo: “*ou somos ufanistas ou nos deprimimos.*”²⁸ Observamos que estas palavras possuem um tom condicional, visto que em outras obras do próprio Affonso Celso endereça críticas a alguns aspectos

²⁶ *Idem, ibidem*, p.14

²⁷ *Idem, ibidem*, p.14

²⁸ *Idem, lbidem*, p. 16

presentes no Império. No entanto, esta obra em particular não fora escrita de forma ingênua e despretensiosa apenas com o intuito de engrandecimento.

Atentamos que Affonso Celso tinha seu pai como um exemplo, um homem que soube defender a propostas de uma monarquia desgastada, contudo soube amar sua nação. Nosso autor cresce tomando estes ideais como os seus, sentindo uma necessidade de levar aos brasileiros uma auto-estima, no sentido de superar o sentimento de inferioridade que o brasileiro adquiriu com a opressão dos colonizadores. Um sentimento positivo, possibilitando ao brasileiro ser comparado com qualquer outro habitante de qualquer outra nação. Não baixar a cabeça, e não se entristecer diante de nossas dificuldades, essa seria uma das principais motivações de Affonso Celso.

Esse sentimento de amor a pátria nos faltou segundo João de Scantimburgo quando perdemos as copas de 1950 e as Olimpíadas de 1996, não sabemos perder, e quando ganhamos achamos, que o mundo gira em torno do nosso país, “*ufanos, perdemos e não soubemos, esportivamente, absorver com dignidade a derrota. Transitamos da ufanía do desânimo como num passe de mágica.*”²⁹ Analisando o item futebol, a paixão brasileira parece ser um sentimento coletivo, as pessoas se afirmam como torcedores de uma das seleções de melhor desempenho no mundo, e em tempos de Copa do Mundo, a mídia brasileira foca quase toda a sua programação entorno das seleções nacionais de seus respectivos países e no caso do Brasil é de forma exacerbada mostrando quase tudo da seleção brasileira e dos jogadores em detrimento de outras modalidades esportivas e da própria participação política dos jovens com relação à política. Denotando, que o futebol tomou tamanha proporção, tornando-se uma religião para os brasileiros.

Mas voltando a obra do Affonso Celso, o autor suaviza os conflitos existentes na História do Brasil por causa desta vontade de querer fazer do país um “lugar maravilhoso”, que sua obra recebera inúmeros elogios por intelectuais como Carlos Magalhães de Azeredo e silêncio de Machado de Assis, que guardou sigilo demonstrando que em certas ocasiões ficar calado é também uma opinião, e das mais severas³⁰, também recebendo uma

²⁹ *Idem, Ibidem*, p.17.

³⁰ JÚNIOR, R. Magalhães. *Vida e obra de Machado de Assis*. Brasília: Civilização Brasileira, MEC disponível em:

avalanche de críticas e não recebendo destaque literário atualmente como os demais de seu tempo, apesar de ter escrito várias obras incluindo, poesias, discursos e livros considerados como históricos.

Além das grandezas territoriais da natureza grandiosa obtivemos como legado as qualidades de três povos: Índios, negros e brancos que formaram o brasileiro.

(...) o Brasil contava em sua origem com a excelência dos elementos que entraram na formação do tipo nacional: os índios, “bondosos, serviçais, confiantes, sociáveis”; os negros, “*dignos, de consideração pelos seus sentimentos afetivos, resignação estóica, coragem, laboriosidade*”, e os portugueses, que, a par do “*heroísmo, resignação e esforço*”, possuíam uma “alta literatura e avançada arte.”³¹

A educação de Affonso Celso o conduziu a ser um dos grandes intelectuais do nosso país, apesar de seu nome hoje não estar entre os principais de destaque em livros didáticos e referências bibliográficas indicadas. Todavia, o reconhecido Affonso Celso foi muito utilizado em salas de aula do nosso território em tempos, em que a exaltação ao Brasil era um dos principais pontos a serem estudados nos currículos escolares durante o regime militar.

O primeiro motivo para um Brasil oponente é possuir um imenso território, o quinto mundialmente, que não deixa a desejar em sua beleza, enchendo os olhos daqueles que o visitam. Em palavras o autor constata:

O Brasil é um dos mais vastos países do globo, o mais vasto da raça latina, o mais vasto do Novo Mundo, à exceção dos Estados Unidos. É pouco menor que a Europa. Rivaliza em tamanho como o conjunto dos outros países da América Meridional. Representa uma décima quinta parte do orbe terráqueo. Só a Rússia, a China e os Estados Unidos o excedem em extensão. É quatorze vezes maior do que a França, cerca de trezentas vezes maior do que a Bélgica.³²

Esse é o principal motivo constatado por Affonso Celso Assis Figueiredo para elevar o país a um patamar de grandeza, o Brasil ainda possui o maior rio do mundo, rio Amazonas, a cachoeira de Paulo Affonso, na Bahia, matas

http://books.google.com.br/books?id=ki4sFjKq9qMC&pg=PP4&dq=VIDA+E+OBRA+DE+MACHADO+DE+ASSIS&hl=pt-BR&ei=Yy8aTtGxJqjZ0QHWP2XBQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDcQ6AEwAg#v=onepage&q=VIDA%20E%20OBRA%20DE%20MACHADO%20DE%20ASSIS&f=false
Acessado em: 10/07/2011 às 20h.

³¹ MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000 p.49.

³² CELSO, op. Cit. 1997, p. 29

virgens, a baía da Guanabara, os pampas do Sul, cavernas, a flora, a fauna, e entre outras belezas naturais.

O texto de Affonso Celso minimizava as críticas, ou melhor, existe em quase todo o texto uma ausência de julgamentos mais densos, que operem de forma questionadora o autor fecha os olhos para os vários problemas existentes em sua contemporaneidade, talvez justificassem esse fato a adesão Celso ao império. Neste sentido, ir de encontro às delimitações do governo denotaria posicionamentos opostos a gestão vigente até então.

Para Affonso Celso, não haveria no mundo um país mais belo que o Brasil; o caráter brasileiro era tolerante, desprovido de preconceitos de raças, cor, religião ou posição social, todo brasileiro teria uma honradez inquebrantável no desempenho de funções públicas ou particulares. O Brasil não precisava de catedrais góticas porque as coberturas florestais formavam cúpulas, pirâmides e abóbadas muito mais complexas, que as criadas pelos arquitetos europeus; a primavera brasileira seria perpétua; as cobras do Brasil eram menos venenosas, que as outras cobras, que pelo mundo havia: os animais eram mais calmos e fiéis; as sementes aqui plantadas teriam maior força produtiva, que alhures; as aves não emigrariam de tão “bem que se acham onde nasceram”. Affonso ensinava que seria “uma ingratidão para com a providência invejar outras nações, não nutrir a ufania de ter nascido brasileiro. Ufanar-se significava regozijar-se, orgulhar-se ou vangloriar-se de alguma coisa.

A essência do Brasil para Affonso Celso estava presente nos seres e nas coisas do país que eram capazes de inspirar o sentimento de amor à pátria. Podemos ponderadamente colocá-lo o Affonso Celso como um historiador, preocupado em descrever as bonanças que o Brasil possuía, em *Porque me Ufano no meu país*, dedica alguns capítulos a História do Brasil, que posteriormente iremos trabalhar, porém, para este momento é necessário entender que Affonso Celso, como pesquisador do IHGB, se detinha em abordar uma História positivista de um país de influência portuguesa, que o mesmo considerava positiva.

Os males e os problemas de um Brasil republicano não foi motivo de discussão para Affonso, pelo menos nesta obra, seu objetivo era engrandecer o Brasil com sua particularidade natural, junto às especificidades de colonização portuguesa. Talvez seja por esta razão que o termo “brasilidade”

utilizado por Affonso Celso nesta obra, posteriormente nos anos 1920, fora retomado nas discussões sobre nacionalidade, modernismo e ufanismo.

As discussões sobre brasilidade ocorreram junto às demandas de interpretações sobre o país e seus habitantes, quando os intelectuais se definiam como portadores da civilização e mostravam-se como detentores de uma missão política de explicar o país, apontando seus problemas, e conseqüentemente mostrando soluções e projetos para o seu futuro.

Affonso Celso contribuiu com suas ideias românticas, foi confiante em promessas, credenciou um futuro promissor para o Brasil, adotando um sentido explicativo ao país, enfatizando seus aspectos naturais, demarcando uma expressão de confiança na nação brasileira, defendendo o ideal de progresso e apostando numa trajetória política, buscando soluções para viabilizar o regime republicano. Idealismo, realismo, otimismo se sobrepujavam ao pessimismo.

Esta ideologia ufanista presente entoa um otimismo ao Brasil, sendo o principal foco de discussão o fato de o país estar cheio de riquezas naturais. A riqueza é o único ponto em que tudo pode ser considerado como positivo, diferentemente de temas como o trabalho, o povo e o emprego. Podemos dizer que o ufanismo de Affonso Celso gerou motivações para que posteriormente houvesse o aguçamento das discussões sobre nacionalismos nas décadas de 1930 e 1940, um nacionalismo de direita cultivado sobre as cores defensivas o verde e o amarelo, as integralistas e comumente as propagandas realizadas para enaltecer as propagandas econômicas no período militar, acompanhado do *milagre econômico* ao Brasil foi dada uma boa imagem, capaz de torná-lo defensivo diante de tantas outras nações.

Affonso Celso escreve sobre um Brasil que dá gosto em se ver, um país sem problemas, de codinome grande, imenso. Não se passa em sua mente pelo menos nesta obra, falar de um Brasil sintomático, de problemas de vícios promovidos pela colonização portuguesa. Esse é o Brasil de Affonso Celso, filho do visconde de Ouro Preto, que elegeu em sua escrita um Brasil de maravilhas, que nos deteremos nos capítulos posteriores.

II Capítulo

Por que me ufano? Breves considerações sobre os usos da literatura ufanista

Não há no mundo país mais belo do que o Brasil. Quantos o visitam atestam e proclamam essa incomparável beleza.*

O pioneiro na literatura ufanista é o Affonso Celso Figueiredo Júnior, o mesmo se destaca como criador do verbete ufanismo, pois até então essa palavra não existia no vocabulário brasileiro. Consideremos Affonso Celso um inaugurador de um sentimento posterior chamado de nacionalista, seus debates se estenderam à formação da identidade nacional e a crítica de muitos pensadores, chegando a inspirar intelectuais, artistas, escritores e literatos a entrarem no debate e construir também a sua idéia de nação a partir do que foi iniciado com o nacionalismo. Essa tendência chegou a influenciar na formação do Hino nacional brasileiro, ele faz uma exaltação do que é belo, condensando em sua letra um passado de glórias sem representar nada que empreenda uma expressão de negatividade. E sendo esta composição que cantamos nos estádios, em festas comemorativas exaltando a natureza, nossas grandezas e riquezas materiais.

A palavra, “ufano”, presente no título *Porque me ufano do meu país*, foi uma expressão máxima encontrada por Affonso Celso utilizada para fazer jus ao amor que sua produção representava para a nação brasileira. Ufano refere-se a orgulho, altivez, sentimento que expressa o quanto cada brasileiro deveria ter apreensão pelo Brasil, aumentando a auto-estima deste povo, que possuía um passado de colonização, de dependência econômica e política.

Contudo, o livro de Sebastião da Rocha Pita de 1730, intitulado *História da América Portuguesa* é considerada a primeira manifestação de ufanismo

* Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior.

nacional. Segundo Dante Oliveira-Leite as obras anteriores de Rocha Pita é um elogio aos aspectos positivos do Brasil, embora de forma exagerada inteiramente de forma descabida.³³

O autor Affonso Celso em nenhum momento faz uma reflexão sobre o social, não apresentando um senso crítico, aguçando seu ufanismo em temas pertinentes, passando para o leitor desavisado, que o Brasil só é rico por causas da sua natureza e enquanto o povo não aparece nas linhas presentes ao longo do texto, a não ser o povo como desinência guerreira, que ajudou a construir o Brasil. Affonso Celso, não se esquece dos indígenas, negros e portugueses, que ajudaram a construir o nosso Brasil, de misturas de cores e de hibridismo cultural. Não há uma reflexão acerca dos anos de exploração portuguesa, e dos problemas recorrentes da administração lusitana. Ao contrário as três etnias deram contribuições para a constituição de um Brasil cada vez mais forte e soberano.

Para o escritor Roberto Ramos, ufanismo é a superficialidade distorcida do nacionalismo, porque não apresenta uma reflexão crítica, não está comprometido com as raízes substantivas de nossa brasilidade. Ufanismo está presente à superfície da nacionalidade, frutificando a legitimação do poder constituído pela força da democracia ou pela força da ditadura.³⁴ Segundo Patrícia Santos Hansen, o termo ufanismo agrega alguns dos conteúdos do patriotismo defendido pelo autor, além do orgulho desmedido do país outros significados são associados a uma visão ufanista do Brasil em particular a ênfase na grandeza territorial, nas belezas e nas riquezas naturais. Como também no uso hiperbólico para descrevê-las.³⁵

Affonso Celso com esse livro mascara a realidade, pois o país ainda não estava consolidado a unidade nacional, estando repleta de escândalos de corrupção, que o autor esconde nessa obra, todavia já havia alertado e escrito

³³ Cf. *Apud.* LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 7ª edição. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

³⁴ RAMOS, Roberto. *A ideologia da escolinha do professor Raimundo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.166.

³⁵ Cf.: HANSEN, Patrícia Santos. *Op.cit*

em outras como, por exemplo, *Oito anos no Parlamento*³⁶. Entretanto o autor idealiza um país, que na prática não existia e não existe. Afinal o novo mundo se apresentava tão dispare da narrativa do Affonso Celso, colocando para debaixo do tapete todos os problemas, que eram bem visíveis a qualquer cidadão.

Não devemos pender apenas para um lado fantasioso e ficcional como o Affonso Celso nos passa, o meio termo seria o mais sensato não estando tanto ao mar nem tanto à praia, afinal faltou equilíbrio na sua narrativa, ou seja, o Brasil apresenta pontos positivos como pontos negativos.

Segundo Luciana Murari, no livro *Brasil, Ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país dos sertões*, que faz uma ligeira referência ao livro de Affonso Celso, a autora diz críticas em tom de sarcasmo, ironizando que:

O paraíso de Affonso Celso é uma criação simbólica, como tantas que constituíram, em todo o mundo, as metáforas da exaltação nacionalista. (...) Num país em que as onças são inofensivas, e serpentes gigantescas protegem as cabanas, os maiores motivos de orgulho pátrio estão na natureza.³⁷

No entanto, essa prática não foi somente do nosso ilustre Affonso Celso fazendo parte de relatos de estrangeiros, navegadores, viajantes, que de certa forma exaltavam e buscavam a cidade de ouro, o famoso Eldorado tão desenhado em quadros e que fizeram parte dos imaginários desde os grandes conquistadores passando por homens comuns e chegando a fazer parte na mente de navegadores como o genovês Cristovão Colombo, por exemplo.

O livro de Affonso Celso tem um aspecto didático e elucidativo no sentido de dar respostas aos intelectuais acadêmicos, que de modo pessimista pinta o outro lado extremo de um país cosmopolita desinteressado com as questões nacionais representando o que de pior existe nesse país, que é a parte da elite paulistana com seu niilismo ácido e destruidor, entretanto para o Affonso Celso era preciso calar essa pequena oposição apresentando uma

³⁶ CELSO, Affonso. *Oito Anos de Parlamento - Reminiscências e Notas*. São Paulo: Editora Laemmert & Cia, 1901.

³⁷ MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: Ciência e nacionalidade no País D'os Sertões*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007, p. 63.

missão altruísta preocupado com o futuro da humanidade e inserindo a auto-estima nacional. Segundo a escritora Sonia Camargo definiu ufanismo da seguinte maneira:

O ufanismo se apresenta, assim, como uma variante do nacionalismo conservador, que emerge no início do século. Ao mesmo tempo, se liga à corrente científica não pela análise da raça, mas pelo seu outro componente: o meio.³⁸

O ufanismo perpassou décadas e fases tanto do populismo e ditadura dos Governos de Getúlio Dornellas Vargas e chegando até a ditadura militar durante o governo de Emilio Garrastazu Médici no auge do regime militar em que suas obras foram utilizadas nas escolas públicas na formação da moral e cívica do país.

O ufanismo foi utilizado como instrumento de dominação em que era lançada uma ideologia sobre o povo, que foi facilmente induzido a comprar a ideia do governo do pleno desenvolvimento econômico, mas que na realidade só beneficiava uma nesga parcela da sociedade. Esse ufanismo, propagado pelo governo de Garrastazu Médici vale salientar que não tem nada haver como o ufanismo que tanto Affonso Celso desejava para o país, pois era um sentimento sem interesses escusos e que não seria utilizado para legitimar um Estado repressor. Além disso, o ufanismo serviu para os governos tanto ditatoriais como populares para esconder os erros administrativos e a corrupção. E o ufanismo de Médici tinha outra faceta que não era ingênua como a do Affonso Celso, pois hipnotizava as massas para aceitar as repressões e torturas que estavam sendo imposto dia após dia. Então o rádio, jornais e televisão foram veículos, que espalhava ufanismo pelos quatro cantos do país.

Outra reflexão que podemos considerar é no tocante a conquista da copa do Mundo de 1958, que segundo Nelson Rodrigues a população havia deixado de ter o complexo de “vira-latas” e conseguindo uma ascensão social e uma elevação da nossa auto-estima, ou seja, o futebol foi um fator

³⁸ CAMARGO Sonia, *Mercosul: “crise de crescimento ou crise terminal?”*. In.: *Lua Nova: Revista de cultura e política*.nº68, 2006. P. 58.

desencadeador para que o brasileiro começasse a ter orgulho de ser brasileiro.³⁹

Nelson Rodrigues⁴⁰ alertava: que o brasileiro tinha o prazer de desprezar e esquecer às vitórias em vez de exaltar nossos “heróis” e nossas virtudes, pois segundo o escritor pernambucano somos uns narcisos às avessas, que valoriza o que vêm de fora, por exemplo, o americanismo com seus enlatados que eram importados, lixos culturais que nossa população consumia em massa vez de olhar para os nossos próprios valores, produtos, livros, culturas etc. E segue o pensamento demonstrando que falta ao brasileiro o sentimento de patriotismo que tanto nossos vizinhos têm de sobra.

A explicação das causas apresentadas advém em grande parte da imprensa, dos nossos escritores e por que não da nossa escrita sobre a História do Brasil, que preencheram a mente de nossas crianças, jovens e adultos. Ora, para Nelson Rodrigues o nosso ufanismo é uma manifestação de fachada, na realidade quase sempre desconfiamos dos nossos méritos. Basta nos um vago insucesso para que coloquemos todas as nossas vitórias abaixo e nos tornamos pessimistas inveterados e voltemos a nos auto-flagelar e reclamar da vida e do país.

Esse era o pensamento de um dos lembrados jornalistas, dramaturgo e cronista brasileiro apaixonado por futebol, que desenvolveu o movimento inverso de muitos intelectuais brasileiros da época. Enquanto havia toda uma crítica em torno do ufanismo e do nacionalismo, Nelson procurava no povo brasileiro uma paixão por vezes merecedora para com o país, contudo, em seu entendimento a seleção canarinho fazia jus ao sentimento de exaltação. E sua campanha seria também um motivo ascendente de elogios, fazendo com que seu país tenha orgulho em dizer que pertence a nação brasileira. Ele também faz uma crítica aos que exalta a tudo o que vêm de fora, ao estrangeirismo, o que se deve fazer é encontrar motivos para olhar para o território e encontrar

³⁹ RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das Manchetes*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2007, p.537. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=tUHDE6aGPEsC&printsec=frontcover&dq=nelson+rodrigues&hl=pt-BR&ei=n7mlITumHLYW2tweQ8tXD&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=5&ved=0CEMQ6AEwBA#v=onepage&q=ufanismo&f=false Acessado 02/10/2011, às 16h45.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 108.

seus valores, sem sujeição para baixar a cabeça, tornar-se inferior e subserviente.

Em outros momentos do Brasil podemos encontrar este sentimento em várias expressões como em programas jornalísticos, jornais impressos, revistas, comerciais, músicas e, sobretudo em campanhas publicitárias desenvolvidas pelos governos militares, que induziam a população a aprovar um governo ditatorial, que na verdade constava como uma maneira de seduzir por meio midiático uma aprovação da maioria da população das ações desenvolvidas em seus sucessivos governos. Estratégias estas que serviam para angariar mais seguidores diante de todos os projetos militares.

Os slogans publicitários, “Brasil-ame-o ou deixe-o” e “Ninguém mais segura este país”, foram criados e utilizados pelo governo militar, para instituir um nacionalismo e um ufanismo exacerbado. Nesse sentido o milagre brasileiro dos anos 1970 é também retratado nas propagandas de empresas estrangeiras e brasileiras, utilizando o ufanismo para vender seus produtos. Como também a Copa de 1970, do esquadrão brasileiro de ouro: Gerson, Rivelino, Jairzinho, Pelé e companhia, que nos deu o tricampeonato mundial no México, o Zé carioca de Walt Disney e principalmente a cantora Carmen Miranda com Dorival Caymmi fizeram um Brasil, que perdurou na mente dos brasileiros até hoje. Segundo Luiz Alberto Mendes,

É uma pena que os militares quiseram capitalizar aquela vitória, como se fosse do regime ditatorial que eles impunham ao país. Nossos jogadores foram recebidos como heróis. E eram. Concomitantemente ocorria “o milagre econômico” e a chegada dos “anos de chumbo”. Era detestável o ufanismo com que os militares pretendiam enganar o povo. As praias do Brasil nunca foram mais douradas do que as de outro lugar.⁴¹

Com o tempo esse termo foi se esvaziando e perdendo credibilidade chegando a não ter embasamento, pois logo após a queda das ditaduras pelo mundo afora e no Brasil que, seus defensores havia decaídos, ficando o termo

⁴¹ MENDES, Luís Alberto. “Ufanismo Detestável” Revista Trip. N°189, Ano 23. Junho, 2010, p. 164. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=0IsGI5oOtsYC&pg=PT76&dq=trip.jun.2010&hl=pt-BR&ei=J1NITrr5ldCbtwe-vO35BQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=5&ved=0CEAQ6AEwBA#v=onepage&q=ufanismo&f=true. Acessado em 14/08/2011, às 20h.

ufanismo órfão. Não obstante ficou sendo utilizado de forma sórdida por determinados políticos hipócritas, aproveitadores e demagogos de plantão durante o transcorrer de toda a História do Brasil chegando até aos dias atuais em certos horários eleitorais e programas, que só ficam na teoria não enfrentando os problemas sociais, econômicos e políticos de fato.

Affonso Celso, fala de forma enaltecedora sobre os portugueses, “os grandes desbravadores do nosso país”, que lutaram pela independência lusitana frente a um inimigo poderoso francês chamado Napoleão Bonaparte e que culminou na prisão do general Junot, no qual saíram vitoriosos com a bravura de seu povo. E que nós brasileiros devemos honrar os nossos antepassados, que tanto dão brio tanto na literatura dos lusíadas de Luís Vaz de Camões, pela habilidade e inteligência de D. João VI passando pelas grandes batalhas e guerras vencidas pelos lusitanos demonstrando que temos muito, que aprender e de se orgulhar dos portugueses. Mas que os brasileiros também têm os seus méritos e os seus ensinamentos:

A História não registra notícia de um povo que, como menos recursos, mais fizesse do que o português. Larga é a sua contribuição para o progresso humano, que nunca empecuou. Subjugou o mar tenebroso, dilatou o perímetro aproveitável do planeta; e, sendo um dos mais diminutos e menos povoados reinos da Europa, formou esse colosso- o Brasil.⁴²

As palavras de Affonso mostram à exaltação a figura do português sob a colonização brasileira arriscando um desafio ao leitor defendendo a consolidação da administração portuguesa no país, cujas justificativas estão presentes nos serviços, que os lusitanos emprestaram ao Brasil: da literatura, na arte, na heroicidade e no esforço pelo desenvolvimento da sua colônia. O autor designa a Portugal os sentimentos de união, patriotismo, amor ao trabalho, filantropia e solidariedade.

Seu ufanismo está presente também quando o autor fala do Imperador D. Pedro II com suas características como: “amigo da pátria”, o reconhecimento da imagem do imperador como um grande defensor da nação brasileira

⁴² CELSO, *op.cit.* 1990, p.103.

reconhecida através da indução, que o monarca brasileiro é o reflexo do meio social, que o produziu. Affonso Celso exalta D. Pedro II, por fulgurar na História brasileira como um “brasileiro” notável de um belo exemplo de civismo, de inteligência e consolidada a partir da sua própria História de vida:

Vede-o aos cinco anos, órfão de mãe, sem um próximo parente de maior idade que por ele velasse, entregue por seu pai aos azares de uma revolução vitoriosa! Ei-lo o Imperador menino, trepado numa cadeira, delirante aclamado pelos grandes funcionários, pela tropa, pela multidão...⁴³

Para Affonso Celso, D. Pedro II foi um imperador completo, porque contou com uma rica educação “precoce” facultando-lhe a menção de vários sentimentos e atributos: razão, estudioso nato, sensibilidade e destreza. Aos quinze anos o menino torna-se imperador com decisão, coragem e uma tremenda responsabilidade, que lhe oferecia o futuro. Visconde Ouro de Preto como amigo íntimo do imperador e também defensor ferrenho do regime imperial no Brasil não deixa de lançar elogios a representatividade desta figura para o país.

É característica de o sentimento ufanista exaltar tudo o que se pode oferecer de positivo nesse caso para o Brasil e para os brasileiros. A pátria como a nação mãe gentil tem o dever de cuidar de seus filhos, o povo brasileiro na concepção ufanista é um corpo privilegiado de dons e Affonso Celso em seu pequeno livreto buscou reverenciar todos os dotes de revelia mostrando, que o Brasil é um país administrado por lusitanos possuidor de todas as características necessárias para uma competição com qualquer nação do mundo.

Como ufanista que é o precursor desse sentimento, Affonso Celso esbanja motivos e motivações para que seu povo tenha orgulho do país, e um dos motivos mais condizentes para ratificar seria a natureza esplendorosa, o qual o Brasil tem em demasia. Referindo-se ao tamanho do Brasil, pela sua extensão territorial, que o marca dentre todos os outros países. Affonso Celso justifica em várias passagens pelo seu livro circunstâncias da sua grande

⁴³ CELSO, Affonso. *Op.Cit*, 1990, p.207-208.

admiração pelo país, como intelectual, que estava envolvido na administração do Brasil, para poder exercer esses cargos ele era um indivíduo envolvido nas bases do governo, concordando, que aquele modelo imperial era o melhor para o Brasil.

Com relação às riquezas nacionais em questão de matéria prima diz Affonso Celso: "*Aí a pátria dos famosos seringais, produtores da borracha, de mil aplicações na indústria, monopólio quase do Brasil.*"⁴⁴ Nessa citação o autor justifica acerca da produção de borracha, uma maneira de dizer, que somos um país, que temos um bom desempenho em área econômica, porém mesmo o Brasil sendo um país de expressão nesse tipo de produção, não se vê uma absoluta expressividade. Nosso país não é reconhecido por conta disso. Estas questões simplórias não são exploradas pelo autor, que está meramente preocupado em desenvolver no seu livro aspectos, que aparentam ser positivos.

O Affonso Celso não mede tamanhos para o Brasil, todos os componentes naturais do Brasil estão unidos para que este país se torne lembrado pelo resto das nações do mundo. De nós cabe destacar as pretensões obstinadas do autor que não enxerga nos seus olhos nenhum problema, que esse frágil território enfrenta. Este livro silencia os eventuais problemas brasileiros, tenta recuperar a auto-estima de um território grande e desorganizado sem projetos futuros. Respeitando-se a posição inata do autor que tenta marcar um Brasil infinito em riquezas, todavia seu discurso é previsível de um homem, que está envolvido diretamente com a política do governo no Segundo Reinado, têm ideias de crescimento do país, contudo não têm conhecimento de seus problemas territoriais, conhece-o em palavras, em notas, porém não em profundidade.

Resgatar o sentimento nacional para a formação da identidade nacional era a intenção que esteve sempre presente no seio da realeza que vinha de muito tempo, desde outras épocas da monarquia com a preservação do território nacional, valorização das nossas riquezas e virtudes que tanto foi enfatizado relatado nesse trabalho.

⁴⁴ *Idem, Ibidem*, p.49.

O ufanismo como conceito criado por Affonso Celso nas premissas do período republicano é utilizado posteriormente como base para o fundamento nacionalista brasileiro. Reflexo de este ecoar de sentimentos exacerbados sobre o país esta visível na literatura, nas propagandas, nos discursos dos políticos redimensionando a maneira do pensar do brasileiro. Como podemos observar numa poesia mais conhecidas no mundo literário do escritor do período romancista Gonçalves Dias, a *Canção do exílio*:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.⁴⁵

Este poema foi a primeira corrente, de nítido sentido nacionalista indicando um tema constante, não só aos poetas, não obstante aos anseios críticos dos românticos. Demonstrando no seu poema Gonçalves Dias enaltece o sofrimento da saudade do Brasil e exaltando as riquezas únicas, que não se encontra em outros países. Elabora seus versos enfocando a riqueza natural existente no país elegendo a ave Sabiá como representante de um canto lírico, que se tornaria símbolo da representação da pátria amada. Além das palmeiras

⁴⁵ DIAS, Antônio Gonçalves. *Primeiros cantos de Gonçalves Dias*. Texas: Ed. Autêntica, 1998.

exuberantes, flores, bosques e um céu estrelado, que não existe iguais em nenhum outro lugar denotando que a flora e fauna são mais vivas, mais coloridas e mais brilhantes, que em outros lugares.

Grande parte do romantismo brasileiro foi vivida num ambiente de entusiasmo pela vida nacional, de confiança no futuro do jovem país, de celebração de sua natureza e no estabelecimento de símbolos capazes de definir o nacionalismo tupiniquim. Muitos dos românticos brasileiros tiveram consciência do seu papel e tentaram explorar os elementos constitutivos do nacionalismo. Os poetas das várias regiões do Brasil contemplaram com afincado à natureza em seu esplendor nas mais variadas matizes.

Dante Moreira Leite discutiu em sua obra *O Caráter Nacional Brasileiro*⁴⁶ a formação da identidade nacional, o regionalismo, o nacionalismo em outros países, racismo dentre tantas outras aspectos da formação das diversos nuances nacionais de vários países e do nosso país. Dante Moreira Leite criticou e analisou a obra de Affonso Celso abordando de forma ácida relatando opiniões da época, no entanto suaviza dizendo que os livros tiveram destaque e importância para a sua época.

Todavia apontam anacronismo, exageros e sendo sua obra motivo de chacota. Em seu entendimento o autor considera o nacionalismo, um movimento que nasce das classes mais ilustradas e só depois chega às massas através da educação pelos vários meios de comunicação observando, que o sentimento de patriotismo evidentemente não se origina de forma espontânea nas massas populares, logo o sentimento de nacionalismo foi imposto de cima para baixo. Sendo assim, podemos dizer que o nacionalismo é um movimento intelectual e político, que atende a interesses elitistas e que é sustentado pela massificação da educação e pela propaganda feita por veículos de comunicação como: jornais, revistas, rádio e atualmente pela televisão e internet.

O ufanismo de Affonso Celso seria a forma exagerada ou exaltada do nacionalismo em que o indivíduo é identificado com a terra natal, que

⁴⁶ LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 7ª edição. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

conduziria à solidariedade, à confiança e à luta para preservação da liberdade e da independência, que caracterizaria a formação brasileira durante muito tempo chegando até aos dias atuais alguns resquícios desse ufanismo em várias facetas da nossa sociedade, imprensa, literatura e principalmente em segmentos da nossa História política.

De acordo com Dante Moreira Leite, o livro de Affonso Celso não tem o nível intelectual dos outros livros estudado sendo um livro anacrônico muito mais próximo dos românticos do século XIX do que dos cientistas do século XX, porém não deixa de ser uma obra representativa dos intelectuais brasileiros da época indicando uma reação geralmente aceita naquele contexto. Nos idos de 1920 a sua obra *Por que me ufano do meu país* tornou-se muito lida entre os modernistas, que via no livro as concepções, que teria que combater. O título do livro virou motivo de zombaria entre os intelectuais modernistas afirmando ser um exagero as citações feitas pelo Affonso Celso quando exagera nos adjetivos referentes às riquezas brasileiras.⁴⁷

O livro de Affonso é uma súpula nacionalista, pois desenvolve os temas, que geralmente constituem o fundamento do sentimento nacionalista: a descrição da terra, o orgulho pelo passado, o desejo de uma vida comum no futuro, o elogio de características peculiares do povo, opondo – as a características supostamente inferiores de outras nações.⁴⁸

Nesta perspectiva podemos perceber que alguns dessas temáticas já se vinham formando no período colonial e se acentuaram com os românticos. Affonso Celso não só incorpora o que havia sido elaborado logo depois da independência como também exalta figuras mais próximas como: o D. Pedro II e suas magnitudes e sua filha princesa Isabel. No nosso primeiro capítulo comentamos sobre a antipatia do visconde de Ouro Preto diante do projeto republicano. Logo o fato de ele não incluir figuras da República deve ser explicado provavelmente pelo monarquismo do autor.

Por isso, muitas vezes o exagero de Affonso Celso chega a ser ridículo justificando os risos quando se refere à imensidade da floresta brasileira, que para ele é uma vantagem comparada aos outros países. Da mesma maneira

⁴⁷ *Idem, ibidem*, p.258.

⁴⁸ *Idem, ibidem*, p.259.

ele constrói uma História do Brasil de forma harmônica e sem dialética social. Dedicando vários capítulos as raças formadoras do Brasil afirmando que do cruzamento das três raças originou-se um mestiço. E uma das maiores bizarrices é dizer que os índios sempre foram generosos e revelaram grande coragem pessoal. Embora algumas tribos fossem violentas, que diz ter costumes curiosos, estes viviam fora da civilização.

Com relação aos negros diz que “os negros africanos, importados no Brasil desde os primeiros tempos do descobrimento, sempre se mostraram dignos de consideração, pelos sentimentos afetivos, resignação estóica, coragem”.⁴⁹ O pensamento de Affonso Celso suaviza quase todos os anos de exploração negra no Brasil. Resignando os “desinteressados colonizadores” de sua pretensão em enriquecer nas terras brasileiras. Neste livro Affonso salienta, que nem sempre os negros eram benévolos, mas em todo caso, eram menos bárbaros, que os outros países especialmente os norte-americanos.⁵⁰ Os nossos negros também eram heróis para Affonso Celso lutaram em guerras e contribuíram em vários serviços nos tempos coloniais. Na incursão da História ele elege figuras negras como: José Mauricio Nunes Garcia, gênio musical, Marcílio Dias, grande marinheiro; Andre Rebouças, redentor da raça; Luís Gama, ex-escravo, que se tornou um exímio advogado; Justiniano da Rocha Ferreira de Menezes, ótimo jornalista e Henrique Dias, que dez vezes feridos perdendo uma das mãos exclama que cada um dos cinco dedos era uma nova mão dada por Deus para defender a sua pátria.

Finalizando esse segundo capítulo colocando que este livro considera o ufanismo como um termo, ou uma palavra, que deveria fazer parte do vocabulário do povo brasileiro. Affonso Celso versa sorrateiramente sobre a História do Brasil sem enxergar seus erros, ou seu passado. Afinal, qual o Brasil que o Affonso Celso desenha em *Porque me ufano do meu país?* Com certeza é o país espelho para todos os demais países do mundo. Pois tudo se torna motivo de elogios, desde a colonização com a formação do Estado brasileiro sob o domínio dos portugueses, perpassando pela catequização “harmônica dos índios”, que paulatinamente estava perdendo sua

⁴⁹ CELSO, Affonso. *Op.cit.* 1990, p.99.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p.99.

caracterização, sua cultura e ainda sendo motivos de críticas por algumas literaturas, que colocavam os índios como povos indolentes, no entanto, o nosso autor, não abria os olhos para tais figurações, que contribuíram decididamente para elevar a caracterização do povo brasileiro. Affonso Celso ressalta a importância negra, junto à indígena e aos portugueses para dar rosto ao brasileiro do século XIX.

A grandiosidade do território brasileiro é para o Affonso Celso uma das características mais importantes contidas no Brasil, por isto ele faz comparações e, ao mesmo tempo, mascara vários problemas enfrentados pelo brasileiro. Sendo assim, as marcas de um Brasil sem imperfeições, foram o que ficou marcado nas futuras gerações, que posteriormente serviu junto ao nacionalismo para dar suporte as políticas de construção de uma nação forte e soberana, induzindo os brasileiros a comungarem e aceitarem as forças repressoras, que ludibriavam a mente dos brasileiros.

São estes moldes metodológicos que estão presentes nas várias expressões literárias do nosso país, observado nos emblemas midiáticos, nas falas dos programas radiofônicos, nas linhas expressas no jornal, nas imagens presentes nos *slogans*, nas propagandas, nos livros didáticos etc. Affonso Celso narra muito da História do povo brasileiro com entrelaçamentos de histórias do nosso país. Passando por várias décadas, sendo seu termo ufanismo utilizado por governos das mais variadas formas e metodologias como instrumento educativo na formação de várias gerações tanto de crianças como de adultos nas escolas públicas.

CAPÍTULO III

Ufanismo, a arte de formar brasileiros

(Este) fará o efeito de combustível para ativar a confiança dos homens de amanhã neste país que se impõe cada vez mais como potência emergente.⁵¹

Durante longos anos da nossa República a instituição escolar foi tratada pelos dirigentes de nosso Estado como subsídio de cunho ideológico, as primeiras décadas republicanas assistiram a uma formação da literatura infantil brasileira marcada por um nacionalismo ufanista, no qual eram difundidas as ideias de grandeza e de modernidade do país, somado aos temas moralizantes. O período da República veio a contribuir para formação do cidadão da defesa do espírito nacionalista e ufanista da pátria. O projeto de ensino do Brasil veio homogeneizar a cultura histórica ligada a uma percepção da elite branca voltada para os moldes europeus. O fortalecimento da escola acontecia mediante as campanhas de instrução cívica condicionadas a passar uma imagem positiva da nação brasileira enquanto promissora. Para Patrícia Santos, a literatura cívica procurava negar o critério mercantil econômico como instância reguladora ainda que se apropriasse do padrão utilitário que, neste contexto tinha como sentido maior a promoção da riqueza e conseqüentemente da grandeza nacional.⁵² Existia nitidamente a vontade política de formar cidadãos docilizados, capazes de ceder às decisões tomadas pelo Estado.

Com a implantação dos governos militares os currículos presente nas escolas esvaziaram os conteúdos de História e Geografia substituindo-as pelo recém criado Estudos Sociais. Enquanto ocorria o empobrecimento das disciplinas de cunho crítico e formador de uma consciência pessoal, o governo apostava nos conteúdos de ordem econômica, política e moralizadora. O ufanismo nas escolas ganhava fôlego visto que não tinha uma preocupação de

⁵¹ Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior.

⁵² HANSEN, Patrícia Santos. *Brasil, um país novo: Literatura cívico pedagógico e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. Tese de doutorado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2007, p. 47.

formar cidadãos críticos e conscientes, ao contrário enaltecia a imagem do país na construção de indivíduos, que não demonstravam interesse pelos problemas nacionais e conseqüentemente colocava uma cortina em quase todos os aspectos negativos.⁵³

Nas escolas no Brasil as crianças aprendiam rigidamente as noções de civismo, patriotismo, ufanismo, culto aos grandes vultos, culto à obediência e ainda tinha como grande aliado a religião. Aliás, servir a pátria era seguido como numa liturgia pelos cidadãos brasileiros e pelas crianças de estrangeiros. Por isso, grande parte dos professores, que ministraram a educação de moral e cívica e Organização Social e Política Brasileira – OSPB na sua maioria era ministrada por padres, muitas vezes sem formação em História e Geografia.⁵⁴ O que se observava segundo Marco Antonio era que na prática os docentes dessas disciplinas eram escolhidos pelos diretores dessas escolas dentre aqueles que eram considerados de confiança pelos diretores.⁵⁵

Não podemos deixar de lembrar-se da atuação dos institutos históricos no Brasil, que tinham o papel de legitimar a História nacional com seus inúmeros livros lançado anualmente a partir de conteúdos oficiais, que não estavam interessados em fazer uma discussão crítica sobre os vários problemas existentes no país. Seus textos em suma glorificavam exageradamente o passado nacional. Estas instituições agregavam vários apadrinhados fazendo o Estado de muleta. Estes servidores buscavam em sua maioria o reconhecimento fácil e cômodo, e o grave comprometimento de outros países e culturas. Naquela época a crítica sobre nacionalismo e ufanismo era aceita naturalmente no meio intelectual porque hoje o cenário intelectual é bem diferente, uma vez que as grandes ideologias não têm tanta força como outrora e a História ampliou o leque de saber, não obstante pensar

⁵³ MOTTA, Alexandre de Medeiros. *História narrativa e matéria de estudo: pressupostos da disciplina História entre os docentes de História e os especialistas do ensino médio do município de Tubarão (Santa Catarina)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, 2005, p.72. Disponível em http://busca.unisul.br/pdf/74765_Alexandre.pdf. Acessado em 30/10/2011 às 18h.

⁵⁴ CAIXETA RASSI, Marcos Antônio. *Uma canção inacabada: formação de professores de história - a experiência da FEPAM (1970 - 2001)*. Dissertação de História da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas – FAPIPA. Minas Gerais, 2006, p.35. Disponível em: <http://www.openthesis.org/documents/Uma-inacabada-de-professores-da-343357.html>. Acessado em 03/10/2011 às 18h.

⁵⁵ *Idem, ibidem*, p.36.

a História a partir da nação é uma forma preponderante de compreender o nosso saber. A persuasão existe e continua presente nos nossos estabelecimentos de ensino, sobretudo no mundo universitário, no qual muitas disciplinas continuam centralizando a História a partir de uma visão hegemônica.

As escolas davam muita importância às comemorações cívicas estando sempre encarregadas de organizar os eventos. Segundo Aline Choucair⁵⁶ a imprensa exibia com honra as escolas e suas comemorações e seus desfiles, que tinham o objetivo de mostrar a preocupação e o zelo dos estabelecimentos de ensino com as causas relativas à pátria. Interessante é que dado destaque aos alunos, que participavam declamando poesias ufanistas nos dias festivos nas escolas. Essas festas envolviam a comunidade representada pelas associações culturais e sociais. Dessa forma os estabelecimentos de ensino do Estado ganhavam nome como referência pelas belas formações culturais e patrióticas das crianças, jovens e adultas. As escolas organizavam junto com a prefeitura a programação dos eventos e palestras durante a semana cívica do qual tinha objetivos de projetar ufanisticamente os grandes mitos da nossa pátria. Jovens eram visto como os responsáveis pelo futuro do Brasil, por isso a sua participação e cooperação com o compromisso no culto a pátria em busca de um país melhor.

As celebrações cívicas desenvolvidas pelas instituições escolares nesse período militar eram um estímulo aos sentimentos patrióticos, que na verdade eram úteis as manobras do jogo político com suas tramas e intenções escusas repletas de esquemas e conchavos colocando debaixo do tapete todas as sujeiras, desmandos, torturas, que explodiam nos grandes centros do país. As festas cívicas se camuflavam como um espetáculo do poder vigente em que se esperava da população uma resposta amigável ao que era conduzido didaticamente pelos conteúdos escolares. Neste sentido o ufanismo estava também associado à docilização da população e na tentativa da construção de

⁵⁶ VAZ, Aline Choucair. *A escola em tempos de festa: poder, cultura e práticas educativas no Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação do programa de pós-graduação em educação da faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2006, p.92. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FAEC-85TQU6/1/1000000611.pdf>. Acessado em 29/09/2011 às 13h.

uma identidade coletiva motivados pelo apelo a emoção, que se tornava eficaz na pedagogia, na memória e nos projetos dos governos.

Grande parte dos livros didáticos das novas disciplinas era marcada pelo vazio da reflexão social e política, esses manuais não eram confeccionados com a intenção de fomentar uma situação crítica entre os estudantes brasileiros, todavia moldar cidadãos passivos e sem reflexão contra as séries de malefícios, que os militares queriam encobrir, ou seja, ficar na memória do estudante só aspectos positivos e grandiosos do país. Estes manuais de educação cívica tinham um objetivo que era:

(...) a formação do cidadão consciente de seus deveres, dependia principalmente da aquisição de conhecimentos sobre a pátria: o tamanho do território, sua geografia e localização, seus principais recursos, a história pátria, o culto devido aos símbolos nacionais, a forma de governo etc.⁵⁷

O livro *Porque me ufano do meu país*, foi dirigido não apenas aos pequenos estudantes, que começavam a vida escolar no ensino primário, entretanto foram utilizados aos leitores adultos nos idos das décadas de 1940, 1950 e quicá nas décadas do regime militar em 1964. Contudo não foi somente a sua obra, que foi utilizada, outros autores fizeram se presente também como: Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Olavo Bilac entre tantos outros.

Há de se chamar atenção pela repercussão do seu livro, que se tornou popular sendo esgotado numa velocidade impressionante esgotando seus exemplares em poucos meses e que foi utilizada como obra obrigatória nas escolas por muitos anos.

Foi graças a sua obra em que o povo e nação se transformam num aglomerado conjunto articulado e harmonioso disposto a enfatizar sua força enquanto fossem necessários como motivos retóricos com a ideia de pátria com sua áurea nativista e de autonomia, ou seja, a metáfora da pátria criada ilustrou por bastante tempo a ilusão de um projeto de independência, que unificou o país e atravessou a História do Brasil a ponto de figurar como o grande representante levantando bandeira da nossa superioridade nas palavras do Affonso Celso.

⁵⁷ HANSEN, Patrícia Santos. *Op.cit*, 2007, p.137.

Para planejar, controlar e revigorar a educação moral e cívica no ensino brasileiro foi criada a Comissão Nacional de Moral e Civismo, cujos membros, pessoas “dedicadas à causa da Educação Moral e Cívica”, eram nomeados pelo próprio presidente da República. Essa comissão gozava de uma série de privilégios por ser considerada de “interesse nacional”.⁵⁸

Segundo Maria de Lurdes e Chagas Deiró Nosella em seu livro *As Belas Mentiras*,⁵⁹ a ideologia subjacente aos textos didáticos aborda: uma leitura bem marxista para explicar a educação primária, a autora está impregnada com uma ideologia classista no qual tudo, que é passado para os estudantes está voltado para a ideia de dominação, ou seja, existe uma classe burguesa dominante, que impõe toda a sua estrutura de pensamento com intuito de submeter uma estrutura curricular moldada conforme os seus ditames para formar indivíduos ideologicamente conscientes de sua posição na sociedade. A autora cria uma relação antagônica partindo da exploração de classes para refletir sobre o conteúdo presente nos livros didáticos voltados para as crianças de um primeiro ciclo educacional.

Dessa premissa surge à intencionalidade do livro sob o qual ela julga ser “uma bela mentira” todos os conteúdos passados tinham uma finalidade de formar indivíduos dóceis e amantes de seu país. Os conteúdos buscavam retratar temas como o papel da família, a pátria como mãe, o meio ambiente e as virtudes concernentes para a promoção de um indivíduo ético e comprometido com o seu país.

Entretanto a Comissão de Civismo tinha o intuito de destituir os docentes de História tirando sua autonomia, inaugurando “comissões de Moral e Civismo” na educação, porém o alunado demonstrava em grande parte desinteresse. A carga horária detinha uma aula semanal, que era subtraída da carga horária de História sendo vista pelos discentes como: uma decisão arbitrária tomada de cima para baixo, sem nenhum aporte científico ou como um momento para um curto repouso entre uma aula e outra. Há 31 anos, com a imagem desgastada da Ditadura militar, tais disciplinas, em muitas escolas,

⁵⁸ CAIXETA RASSI, Marcos Antônio. *Op.cit.* 2006, p.36.

⁵⁹ Cf.: NOSELLA, M. de L. C. Deiró. *Op.cit.*, 1979.

passaram a ter um teor crítico mostrando como parte da sociedade estava organizada tanto no âmbito social como no político. No entanto, a década de 1980 foi um período de grandes paradoxos e de uma riqueza desmedida. Por um lado tinha grandes discussões, aprendizados compartilhados e de outro, a permanência de um conjunto de leis criadas durante o regime militar, porém culminou na invasão dos conteúdos de História.⁶⁰

Um dos livros escolares mais conhecidos foi: *Por que me Ufano do meu País* do nosso autor Affonso Celso. Como já dito no nosso primeiro capítulo foi editado em comemoração ao quatrocentésimo do aniversário da descoberta do Brasil. Publicado em 1901 a obra imediatamente tornou-se popular tornando-se leitura obrigatória por muitos anos nas escolas secundárias e na formação de adultos. Nas primeiras páginas do seu livro Affonso Celso declara claramente a quem está oferecendo o livro “para quem e para que foi composto esse opúsculo” e afirma ofertá-los aos filhos

(...) a vós meus filhos (...) consiste minha primordial contribuição em vos dar exemplos e conselhos que vos façam, úteis a vossa família, a vossa nação e nossa espécie, tornando-se fortes, bons e felizes.⁶¹

Affonso Celso oferta o livro aos seus filhos como um anseio de uma contribuição pessoal aos benefícios pátrios como exemplo de um cidadão preocupado com os destinos de seu país. Seus filhos seriam a representação de todos os cidadãos brasileiros, que merecidamente estavam recebendo como leitura uma obra, que é verdadeiramente uma declaração de amor ao Brasil. Elevando a auto estima fazendo o brasileiro levantar a cabeça e se orgulhar da sua História criando um sentimento de superioridade em relação aos seus vizinhos norte e sul-americanos chegando até mesmo aos europeus.

Podemos observar que na capa do livro o Affonso Celso deixa visível uma expressão de manifestação de civismo ao colocar logo abaixo do título “right or wrong, my country”, Sendo uma contradição que beira a ser engraçado

⁶⁰ BELINTANE, Claudemir. *Linguagem oral na escola em tempo de redes*. Educação e Pesquisa. Volume: 26, nº. 1 São Paulo. Janeiro/Junho. 2000, p.18. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022000000100004&script=sci_arttext. Acessado em 15/09/2011 às 19h.

⁶¹ CELSO, Affonso. *Op. Cit.* 1997, p.25.

porque ele se utiliza de termos estrangeiros para falar do seu livro, já que ele exalta tanto nosso país, porque usar idioma estrangeiro? É estranho um autor que em todo o seu texto se preocupou em exaltar as características da pátria brasileira, e, no entanto cria um contraste vindo a escrever em inglês um título dedicado a toda pátria brasileira.

Desta forma, os livros didáticos não só veiculam valores como também manifestam um papel importante no sentido de impedir a circulação de outras visões de mundo capazes de ameaçar a estabilidade social. Esse tipo de literatura tem como objetivo de estimular o aluno ao amor a pátria e o desejo de colaborar com sua grandeza, atentando ao respeito à família, a religião e aos poderes constituídos. São esses vieses, que sustentam a nossa sociedade.

Nas escolas as crianças aprendiam a partir do livro de Affonso Celso e de outras literaturas sobre a grandeza da pátria como monumento para ser reverenciado, por conseguinte apareciam também as imagens dos grandes heróis de nossa História, que morriam pelo Brasil como, por exemplo, Marechal Deodoro da Fonseca e D. Pedro I. Davam-se primeiramente os conteúdos, que abordavam a História nacional como instrumento informativo, a natureza pertencida ao conteúdo nacional como a grandiosidade do país, a faixa territorial, a grandeza da flora e fauna da natureza eram destacados.

Eram aspectos fundamentados no ufanismo verde-amarelo juntamente com a História mitificada dos heróis e vultos autorizados pela elite organizadora dos materiais didáticos do país, aliás, todos os cursos e livros didáticos eram padronizados pelos sistemas federais do controle e fiscalização correspondente a uma ideia de homogeneização e centralização dos conteúdos didáticos. Para Joadir Antônio Foresti⁶² outro aspecto eminente era a erradicação das minorias étnicas, lingüísticas e culturais, que se haviam constituídos no Brasil nas últimas décadas, cuja assimilação se transformaria em questão de segurança nacional.

⁶² FORESTI, Joadir Antônio. *A Complexidade da teleducação no Canal Futura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 31. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=q6MnzqDZPmAC&printsec=frontcover&dq=A+complexidade+da+teleduca%C3%A7%C3%A3o+no+canal+futura&hl=pt-BR&ei=zQmzTpDDHYO4tgfl0uXxAw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDcQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false. Acessado em 23/09/2011 às 19h.

Nessas palavras do autor podemos identificar que existe uma contemplação da História positivista de Augusto Comte aliado ao ufanismo para que o alunado decorasse “os grandes feitos e os Heróis” sem nenhum senso crítico apenas como forma de absorção de conteúdos exaltando a natureza afim de que criasse o sentimento de brasilidade e de orgulho nacional formando indivíduos patriotas, alienados e obedientes feitas através da condução do sistema educacional seguindo as diretrizes do governo militar.

O que acontecia na realidade era o que podemos chamar de ilusionismo didático, que mascarava os problemas do país como um todo, que mostrava a pobreza como um privilégio purificando no sofrimento do corpo as riquezas da alma, enquanto dizia-se que existiam pessoas pobres no país, mas que era mostrado como um país grande e rico

Todavia a autora faz uma interpretação interessante, com relação à colocação dos conteúdos nos livros, no capítulo dedicado à Pátria, Maria de Lourdes declara que as leituras veiculadas mostram uma visão ‘estereotipada’ da pátria, que tinha a finalidade de mascarar uma situação social, econômica e política real, virtualizando uma pátria grandiosa.⁶³

Nesta perspectiva encontramos também um livro de Olavo Bilac e Manoel Bonfim intitulado *Através do Brasil*⁶⁴, que para eles a educação do Brasil estaria vinculada à cultura e para isto a escola deveria ser a responsável por formar cidadãos, que contribuíssem para a sociedade, dessa forma era necessário na segunda metade do século XX resgatar as raízes brasileiras, o orgulho pela nação para aflorar o patriotismo. Esse era o principal caminho para se chegar à democracia. Esta obra pode ser considerada como um livro didático, que introduz o contexto de um forte sentimento nacionalista. O livro do autor coloca que ufanismo é o tempero dado ao patriotismo, porque a própria obra não foge do padrão dos livros voltados a exaltação da pátria, assim como *Porque me ufano do meu país*, a obra *Através do Brasil*, marca a paisagem e as descrições naturais em parte do livro. Ambos passam a imagem de beleza, grandeza, harmonia e perfeição.

⁶³ Cf.: NOSELLA, M. de L. C. Deiró. *Op.cit*, 1979.

⁶⁴ BILAC, Olavo; BONFIM, Manoel. *Através do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

O livro *Através do Brasil* sintetizou o ideal de pedagogia do início do século XX. A leitura estava comprometida com a implantação de uma conduta cívica assegurando o fortalecimento da identidade nacional transmitindo para várias gerações de brasileiros uma imagem otimista do país. Defendia posições nacionalistas, seu autor foi considerado como “o poeta alienado” por causa do teor ufanista presente em seus poemas. Igualmente, o que moveu Olavo Bilac e Manoel Bonfim na composição desse projeto didático foi o patriotismo, “o sentimento de amor pela pátria, argamassa que sustentaria a nação brasileira.”⁶⁵ Olavo Bilac tem a característica de catequizar e valorizar o aprendizado escolar desenvolvendo uma História oficial, defendendo os vencedores imperando uma abordagem ligada ao tradicionalismo ou factualismo marcado pelo desenrolar de dados de cunho elitista enaltecendo os fatos políticos oficiais, a mitificação dos heróis nacionais em que muitas vezes são anedotas fúteis. Nesse sentido o ufanismo foi um recurso não desprezível por meio do qual os administradores políticos deram seqüência a um trabalho educativo de caráter cívico, que visava assegurar a homogeneização dos brasileiros.

Da mesma forma podemos encontrar outro livro intitulado *Contos Pátrios*⁶⁶ de Olavo Bilac e Coelho Neto, que se trata de uma composição com dezenas de contos ricamente ilustradas fazendo uso de três cores básicas: vermelho, verde e azul. O que essa escrita tem em comum com a obra *Porque me ufano do meu país* é a marca de um patriotismo exaltado, conceitos de pátria, território, sustentado num discurso preocupado com a defesa de interesses nacionais e com a manutenção dos limites territoriais do país como salvaguarda da sua identidade. Verificamos no conto “a pátria” dois aspectos, que nos chama a atenção: a primeira é a ideia de que a nossa pátria deve estar acima de tudo, até mesmo da nossa família. Em segunda instância é importância dada ao soldado como um indivíduo puro, autêntico e defensor dos interesses e do destino da nação brasileira.

⁶⁵ SANTOS, Claudefranklin Monteiro; OLIVA, Terezinha Alves de. *As multifaces de “Através do Brasil”*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 48, p.101-121 – 2004, p.103. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbh/v24n48/a05v24n48.pdf>. Acessado: 24/09/2011 às 20h.

⁶⁶ BILAC, Olavo; NETTO, Henrique Coelho. *Contos pátrios (para as crianças)*. São Paulo: 2001.

Por outro lado, Affonso Celso nos apresenta onze aspectos, que justificam o orgulho de “ser brasileiro” como: a beleza natural, a grandeza territorial, a riqueza, o clima, a ausência de calamidades, a excelência dos elementos da formação nacional, enfoca as qualidades do seu povo como independente, hospitaleiro, ordeiro, paciente, doce, obediente, caridoso, acessível, tolerante e honrado. O Affonso Celso favorece o lado brasileiro pelo fato do país nunca ter sido humilhado com derrotas, o nosso país para Affonso Celso é um reduto de cordialidade repleto de glórias por sua História. Celso faz uma espécie de declaração de amor à pátria, do amor como dever, que exige uma adesão incondicional e lealdade à custa da própria vida.

Em Affonso Celso encontramos conteúdos, que marcam a presença do índio e do negro como símbolos dóceis pertencentes à nação. Em sua perspectiva o índio é a figura do nativo aberto para novas experiências culturais disposto a trabalhar para a construção e o crescimento do país. Aos negros são apagados os longos anos de tráfico negreiro, de exploração e escravidão. Assim como são silenciados as revoltas de resistência ao sistema escravocrata. Nos livros didáticos a instituição escolar, cujo ufanismo prevaleceu, tornou-se um elemento, que proporcionou a glorificação do índio e a depreciação do negro, na tentativa de construir um estereótipo de um homem brasileiro distante do negro. Essa divulgação não ocorreu propriamente pelos componentes curriculares, porém, principalmente através da literatura, que reconhecia a partir da fase indianista o nativo com as características do homem idealizado pelo romantismo.

As teorias racistas empregadas nas escolas baseavam nas disciplinas inquestionáveis, na submissão diante dos responsáveis pelo desempenho das funções escolares, na defesa da pátria, na competição em diversas disciplinas e ainda prêmios para os melhores castigos para os que apresentassem menor rendimento.

Livros como *Por que me ufano do meu país* destinado a leitura escolar de jovens correspondia à expectativa de quase todos os movimentos, que nos arredores da República viam na educação o remédio para todos os males do Brasil. Tornando-se uma cartilha, uma espécie de chave para se alcançar a

cidadania. O símbolo da educação era o emblema da modernidade. A literatura infantil, que tinha como função transformar crianças e jovens em cidadãos e cidadãs. Fornecia exemplos bem sucedidos de como certos tipos de narrativa, certos tipos de leitura poderia ser aliada em momentos em que a identidade nacional merecia um reforço.

A obra *Porque me ufano do meu país* para o aluno conduz a criança a uma educação moral sustentada no patriotismo como uma das principais virtudes, para Leite o amor à pátria descrito por Affonso Celso não deveria ser tão cego e irrefletido, entretanto justificado por razões sólidas e convincentes. Affonso Celso diz que para muitos ser brasileiro “importa condição de inferioridade”, no entanto ao contrário “ser brasileiro” significa distinção e vantagem, pois na ilusão do autor embora existam países mais promissores o Brasil é o mais digno, o mais rico e garantidor de vantagens ao seu povo.⁶⁷

Colocamos acima, que no cotidiano escolar havia muitos rituais envolvidos por símbolos e ideias de um novo projeto nacional, que estavam presentes nas cartilhas educacionais, que exibiam símbolos e imagens ufanistas. O projeto de nacionalidade do Ministério foi garantido por um sistema federal de controle de fiscalização em todo território nacional. Tais práticas pedagógicas ufanistas estavam mescladas aos sentimentos históricos e religiosos sendo assim podemos dizer que o ensino da História-pátria era um ensino limitado e a glorificação dos heróis nacionais não ficando circunscritas as escolas públicas, todavia ao conjunto de instituições educativas, públicas e privadas, que faziam parte do cenário educacional em questão.

Quando analisamos o processo didático, principalmente seus anos iniciais hoje chamados de ensino fundamental são notados a concepção de uma historiografia positivista marcada pela ênfase de um ensino cronológico, linear, heróico e ufanista. As obras eram produzidas sob orientação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro - IHGB e conseqüentemente publicado e distribuído as escolas pelo Instituto nacional do livro didático.

⁶⁷ Cf.: LEITE, Dante Moreira. *Op.cit.* 2006.

Nota-se pelo título das obras as mensagens heróicas e ufanistas, retratadoras da vida e dos feitos de dois líderes políticos, D. Pedro I e Marechal Floriano Peixoto, Duque de Caxias, heróis pertencentes ao panteão cívico nacional.⁶⁸

Esse é um exemplo, que caracteriza o ensino de História voltado para a transmissão da biografia de brasileiros ilustres, informações necessárias para a construção de uma História oficial brasileira. Entretanto, como já argumentamos estes conteúdos não exploravam questionamentos acerca da vida e da atuação destes personagens da História. Seus grandes feitos eram colocados de forma a criar indivíduos muitas vezes mitificados pelas palavras de seus escritores. A função da História nesse período era de construir a memória de uma nação sob o princípio de uma unidade indivisível fornecedora de marco referencial para se pensar o passado, o presente e o futuro do país.

Esse ufanismo esteve presente durante o governo de Getúlio Vargas em que se juntavam com setores nacionais e internacionais predominantes. Políticas educacionais foram criadas com intuito de fornecer permanências de exaltação à pátria. Ministrando e espalhando pelos quatro cantos do país conteúdos que coadunassem com concepções de preservação territorial e defesa das nossas fronteiras, de nossas riquezas através de ideologia, que eram inseridas nas mentes de nossas crianças num contexto da Segunda Guerra Mundial.

Desta forma, a função do Estado na construção em reforço ao civismo ocupou um importante lugar na educação brasileira nas primeiras décadas do século XX. Os exames públicos, a exploração e a exibição de símbolos nacionais como a bandeira, as comemorações cívicas, a produção abundante de material escolar demonstra a incorporação da escola pelo aparato pedagógico dessa função nacionalizadora e patriótica. São obras muitas vezes extremadas, que foram produzidas num momento em que se buscava esse ideário patriótico articulado a um tipo de cidadania profundamente ufanista.

⁶⁸ ALVES, Márcio Fagundes. *A reconstrução da identidade nacional na era Vargas: práticas e rituais cívicos e nacionalistas impressos na cultura do grupo escolar José Rangel/Juiz de Fora/Minas Gerais (1930-1945)*. Tese de doutorado do programa de Pós- Graduação em Educação/Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, 2010, p. 99. Disponível em: http://www.educacao.ufrj.br/ppge/teses/marcio_fagundes_alves.pdf. Acessado: 04/09/2011 às 3h30.

A História estava subordinada pela educação moral e cívica distinguindo-se da disciplina histórica ensinada nos manuais didáticos em vários aspectos. Valendo ressaltar a respeito da instrução primária que este tipo de educação era as condições de existência da democracia. O projeto cívico da literatura infantil seria uma das expressões de um sentimento revelado por vários intelectuais desde o final do século XIX como uma crença inabalável do papel da educação para a transformação da sociedade brasileira.⁶⁹

O ufanismo que foi passando ao logo das décadas e demonstrava ser artificial, irreal e confundia considerável parte da população. As nossas crianças aprendiam que o Brasil era maior em tudo, para depois compreender, que as coisas não eram bem assim, pois o país passava por grandes problemas sociais, de infra-estrutura, problemas na saúde, problemas de violência, de habitação e até mesmo de alimentação. Então a realidade era bem diferente do que se demonstrava no livro didático havendo um abismo enorme da situação da vida com esse ufanismo que os governos passavam a todo custo para a população.

Haja vista, que o tom ufanista propagado pelas escolas através dos livros didáticos tinha a função de formar o futuro cidadão, porém um indivíduo estático, sem esperança, ausente de uma visão crítica, que acredita que o futuro está no presente, perdendo o sentido da construção conjunta da democracia. O desafio do homem do período varguista estava longe de ser o espaço de construção, em que o indivíduo se coloca no desafio de construir o que pode ser possível, criando uma sociedade na qual a própria moralidade deve ser questionada, no qual todos possam fazer parte de um núcleo exigente, e sedento pela garantia de seus direitos e dignidade enquanto cidadãos.

Enfim o sistema educacional predominava na zona rural e urbana com livros e escolas precárias muitas das vezes. Mas foi os grandes proprietários de terra, que reivindicaram a produção desse tipo de livro didático conservador que atendia a projetos políticos, que iludia grande parte da população com

⁶⁹ Cf.: HANSEN, Patrícia Santos. *Op.cit*, 2007, p.60.

mentiras, manipulando, gerando preconceitos e, sobretudo legitimando a dominação e a exploração burguesa com suas ideologias nefastas, que afetaram até mesmo a natureza, pois com o ufanismo desmedido de Affonso Celso e seus aliados provocaram a destruição ecológica, pois sendo um país rico não se precisaria ter preocupação ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Combustível para ativar a confiança dos homens de amanhã”⁷⁰, essa foi à frase marcada pelo João Scantimburgo, escritor que ocupou a cadeira nº 36 pertence a seu fundador Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior. Nosso pequeno livro *Porque me ufano do meu país*, durante muito tempo foi conduto de uma substância ativadora de nossa auto-estima enquanto brasileiros, que nos faltou em alguns momentos de nossa História, segundo o Scantimburgo. Affonso Celso escreve seu livro numa época de transição, quando a Monarquia brasileira estava dando seus últimos suspiros e os ares da República na expectativa de mudanças. Não sabemos como estava se passando a mente do nosso autor, quando enquanto seu pai o visconde de Ouro Preto, era para o Império um de seus principais defensores, um homem de confiança do Imperador D. Pedro II, que ocupou vários cargos públicos, enquanto o filho Affonso Celso Figueiredo Júnior, em vida exaltou a República.

Posto a leitura para a celebração do quarto centenário republicano, Celso, queria seu livro nas mãos dos adolescentes e discutidos nas escolas, e até nos ambientes de reuniões de pais e mestres, com a finalidade de que os altos valores presentes na grande nação brasileira pudessem ser valorizados. Aquilatar apenas não bastava à melhor palavra para falar seria “culto”, veneração, no qual a pátria recebe uma representação mística um corpo sagrado de merecida adoração e contemplação.

Ante as primeiras leituras descompromissadas do pequeno livro, as impressões não foram satisfatórias, esperaríamos a presença de um debate voltado para as margens de um país, grande, rico, diversificado, contudo, que não deixasse esconder seus eventuais problemas. No entanto, tentamos cobrar do autor respostas para nossas perguntas iniciais, perguntas de hoje, que realizamos nos anseios de nossas leituras. Questões exigentes, pelas quais o próprio Affonso Celso não teria interesse em nos responder. Como historiador nos tempos de hoje, é preciso voltar atrás e perceber, que ao fazer nossas perguntas devemos realizar a observação do lugar, do tempo, e quais as intenções do autor ao escrever sua obra, assim como nos chamou atenção

⁷⁰ CELSO, *op. Cit.*, 1990, p. 23.

Michel de Certeau em sua *Operação Historiográfica*⁷¹. Nosso trabalho iniciou com algumas perguntas que ao serem realizadas, no tocante ao momento, não teríamos condições de responder, seja pela falta de material teórico, que abordassem os assuntos, ou pela limitação do tempo que não nos deixa fazer o que é devido, em enganosos quatro meses de um semestre letivo.

Tencionamos fazer soar um Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, desacostumado aos nossos ouvidos, de historiadores voltados inúmeros estudos, de objetos voltados para as margens, as micro-histórias, as estruturas e as desconstruções. Nosso autor como dito em nosso trabalho é pouco discutido nos trabalhos acadêmicos, porém no decorrer desse trabalho percebemos, que ele não passa despercebido em muitas pesquisas seja ela monográficas, dissertativas ou teses. Sendo bastante citado em muitos conteúdos, que abordam as preocupações voltadas para o tema ufanismo e sua influência na educação brasileira.

Essa foi uma das nossas preocupações neste trabalho em apresentar um autor, que em vida dedicou-se a escrita de poemas, depoimentos, livros, artigos, crônicas etc. E teve sua participação na política brasileira nos primeiros anos de nossa República. Tentamos mencionar esse Affonso Celso preocupado com o destino do nosso país. E, sobretudo, em que direcionamentos a educação nacional iria tomar com o auge de nosso desmembramento quase total de Portugal. Oferta seu livro aos filhos preocupando-se com a educação e a criação da auto-estima, o sentimento de patriotismo, que eles deveriam ter em seu ambiente educacional. A instituição escolar é principal ambiente e fator de unidade nacional de aprendizado local que reúne “o futuro” de nosso país. A preocupação em formar bons cidadãos, dóceis, amantes de sua nação seria a principal causa sobre a qual Affonso Celso escreve as páginas de seu livro. Portanto, todos aqueles estudantes seriam também seus filhos em que ele também tem a preocupação em levar o amor à pátria a quem no futuro fará parte de uma nação soberana.

⁷¹ CERTEAU, Michel de. “A Operação Historiográfica”. IN.: *A Escrita da História*. São Paulo: Forense Universidade, 1982

O pequeno livro de Affonso Celso nos traz essa preocupação em venerar a nossa pátria, sugerindo-nos, ou melhor, expondo-nos pontos bem argumentados sobre as várias características, que conduzem o Brasil a ser um país de promessas futuras e para isso, segundo o autor devemos conhecer a nossa História, o nosso passado de glórias, porque reconhecer o que foi feito no passado é valorizar o que temos no presente. Ao defender esses elementos ele nos protege de forma promissora os problemas do nosso país. Daí a presença militante do próprio autor quando cria o ufanismo desmedido, este amor exagerado e a ausência de soluções para o Brasil também foi motivo de preocupação em nosso trabalho. Procuramos identificar que tons de ufanismos perpassam sobre a obra, e encontramos no autor de discurso engajado, sem intenção de agredir qualquer setor da Monarquia vigente dando respaldo a uma administração sem projetos, objetivos e metas para o futuro. Debates e questionamos sobre o teor da produção, aliando aos atuais debates sobre o assunto.

Ao refletir sobre o ufanismo como uma temática que marca toda uma produção da época em que nós tivemos também a preocupação de pesquisar como esse tema de alguma maneira foi levado para a sala de aula para o ensino das primeiras séries de ensino brasileiro. Acreditamos que o capítulo que trabalhamos este item nos levaria a execução de um trabalho maior. E que pela limitação do tempo e a falta de materiais no momento estamos conscientes de ter deixado lacunas em nosso trabalho. No entanto, ao perpassar por esse tema encontramos subsídios que nos deram suporte para poder compreender como o ufanismo e o nacionalismo nas épocas em que foram empregados bem posterior a publicação do livro nos mostra como foi realmente necessário para os governos militares o desempenho dos trabalhos dos professores nesse período escolar.

O ufanismo estava presente nos vários lugares do nosso país, nas propagandas políticas, nos anúncios midiáticos, nos símbolos nacionais como: bandeira, o hino, a natureza, dimensão territorial, fauna, flora, heróis, grandes eventos etc. Logo o ufanismo ao passar ao longo das décadas era um artifício que ludibriava e confundia parte da população. Nossas crianças aprendiam nas escolas os motivos pelos quais o Brasil era superior as demais nações. E que

os livros não mostravam era que bastava olhar ao redor e perceber que a conjuntura da época não era como estava posto nos livros. Não havia um estudo crítico e nem comparativo, tudo nos livros correspondia a perfeição. Enquanto a realidade correspondia a distancia enorme ao encontrado nos livros didáticos.

Ao iniciar essa pesquisa em termos de conhecimento avancei intelectualmente na compreensão em termos do estudo da História e historiografia do Brasil em um autor que desconhecia e que possibilitou abrir caminhos para uma composição monográfica aos detalhes da educação que permeou durante décadas, a origem do nacionalismo e seus desdobramentos mostrando as várias vertentes do poder na passagem da Monarquia para República, com o fortalecimento do exército depois da Guerra do Paraguai e suas interligações com o destino do país culminando num golpe militar, além disso, a sua conduta ilibada e sua honradez que levo para minha vida pessoal de como um político deve ter o comportamento adequando servindo como referência para todo cidadão brasileiro que queira ingressar na política.

Para finalizar faço uma ponderação de como vimos às diversas pesquisas em livros, arquivos, jornais e revistas apontando de forma que o leitor não tenha dificuldade em estudar uma gama de autores, que se debruçaram sobre a literatura ufanista, sobre a vida e obra do autor Affonso Celso Figueiredo e de como suas obras foram aproveitadas nas escolas, contando um pouco do contexto da época e da educação brasileira tornando elucidativo. Este trabalho abrange intrinsecamente a interdisciplinaridade tão em voga presente na Universidade da qual faço parte e, sobretudo no curso de História e Letras trazendo arte e documentos para demonstrar fatos e grandes personalidades, que marcaram a nossa História tupiniquim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Maria Helena Câmara. *Amada pátria idolatrada: um estudo da obra "Porque me ufano do meu país"*, de Affonso Celso (1990). Curitiba: Educar em Revista nº 20, 2000.

BELINTANE, Claudemir. Linguagem oral na escola em tempo de redes. *Educação e Pesquisa*. Volume: 26, nº.1 São Paulo. Janeiro/Junho. 2000.

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022000000100004&script=sci_arttext.

BILAC, Olavo; NETTO, Henrique Coelho. *Contos pátrios* (para as crianças). São Paulo: 2001.

BILAC, Olavo; BONFIM, Manoel. *Através do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAIXETA RASSI, Marcos Antônio. Uma canção inacabada: formação de professores de história - a experiência da FEPAM (1970 - 2001). Dissertação de História da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas – FAPIPA. Minas Gerais, 2006. Disponível em:

<http://www.openthesis.org/documents/Uma-inacabada-de-professores-da-343357.html>.

CAMARGO Sonia, *Mercosul: "crise de crescimento ou crise terminal?"*. In.: *Lua Nova: Revista de cultura e política*. nº68, 2006.

CARVALHO, José Murilo. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

CELSONO, Affonso. *Oito Anos de Parlamento - Reminiscências e Notas*. São Paulo: Editora Laemmert & Cia, 1901.

_____. *Porque me ufano do meu país*. São Paulo: Editora Expressão e Cultura, 1997. CELSO, Affonso. REVISTA VEJA. Comemorativa dos cem anos da proclamação da República. De 20 de novembro de 1999.

CERTEAU, Michel de. "A Operação Historiográfica". IN.: *A Escrita da História*. São Paulo: Forense Universidade, 1982.

COSER, Ivo. *VISCONDE DO URUGUAI: CENTRALIZAÇÃO E FEDERALISMO NO BRASIL, 1823-1866*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2008. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=GpA1n2BIHlgC&printsec=frontcover&dq=visconde+do+uruguai:+centraliza%C3%A7%C3%A3o+e+federalismo+no+brasil&hl=pt-BR&ei=aEMaTo3hH-i70AGYoeyWBQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCkQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false .

DIAS, Antônio Gonçalves. *Primeiros cantos de Gonçalves Dias*. Texas: Ed. Autêntica, 1998.

DUBY, Georges. *A História Continua*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993.

FIGUEIREDO, Affonso Celso de Assis. *Seleção, introdução e comentários de Costa Porto*. Brasília, D.F: Câmara dos Deputados, 1978.

FORESTI, Joadir Antônio. *A Complexidade da teleducação no Canal Futura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=q6MnzqDZPmAC&printsec=frontcover&dq=A+complexidade+da+teleduca%C3%A7%C3%A3o+no+canal+futura&hl=pt-BR&ei=zQmzTpDDHYO4tgfl0uXxAw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDcQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false

HANSEN, Patrícia Santos. *Brasil, um país novo: Literatura cívico pedagógico e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. Tese de doutorado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2007.

JÚNIOR, R. Magalhães. *Vida e obra de Machado de Assis*. Brasília: Civilização Brasileira, MEC. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=ki4sFjKg9qMC&pg=PP4&dq=VIDA+E+OBRA+DE+MACHADO+DE+ASSIS&hl=pt-BR&ei=Yy8aTtGxJqjZ0QHWIP2XBQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDcQ6AEwAg#v=onepage&q=VIDA%20E%20OBRA%20DE%20MACHADO%20DE%20ASSIS&f=false

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 7ª edição. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

MENDES, Luís Alberto. "Ufanismo Detestável" Revista Trip. N°189, Ano 23. Junho, 2010. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=0IsGI5oOtsYC&pg=PT76&dq=trip.jun.2010&hl=pt-BR&ei=J1NITrr5ldCbtwe-vO35BQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=5&ved=0CEAQ6AEwBA#v=onepage&q=ufanismo&f=true.

MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: Ciência e nacionalidade no País D'os Sertões*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

MOTTA, Alexandre de Medeiros. *História narrativa e matéria de estudo: pressupostos da disciplina História entre os docentes de História e os especialistas do ensino médio do município de Tubarão (Santa Catarina)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, 2005.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. *As Belas Mentiras: A ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Ed. Cortez & Morales, 1979.

PONCIANO, Levino. *São Paulo: 450 bairros, 450 anos. 2ª Edição*. São Paulo: Ed. SENAC, 2004. Disponível em:

<http://books.google.com.br/books?id=9VMfukFaVpsC&printsec=frontcover&dq=s%C3%A3o+paulo:+450+bairros,+450+anos&hl=pt->

[BR&ei=B8EQTrOIEunu0gH50pm5Dg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDkQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false](#)

RAMOS, Roberto. *A ideologia da escolinha do professor Raimundo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.166.

RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das Manchetes*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2007. Disponível em:

<http://books.google.com.br/books?id=tUHDE6aGPEsC&printsec=frontcover&dq=nelson+rodrigues&hl=pt->

[BR&ei=n7mITumHLYW2tweQ8txD&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=5&ved=0CEMQ6AEwBA#v=onepage&q=ufanismo&f=false](#).

SANTOS, Claudfranklin Monteiro; OLIVA, Terezinha Alves de. As multifaces de “Através do Brasil”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 48, p.101-121–2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbh/v24n48/a05v24n48.pdf>.

THOMPSON, E.P.J. *A formação da Classe Operária Inglesa*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1991.

VAZ, Aline Choucair. *A escola em tempos de festa: poder, cultura e práticas educativas no Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação do programa de pós-graduação em educação da faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2006. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FAEC-85TQU6/1/1000000611.pdf>